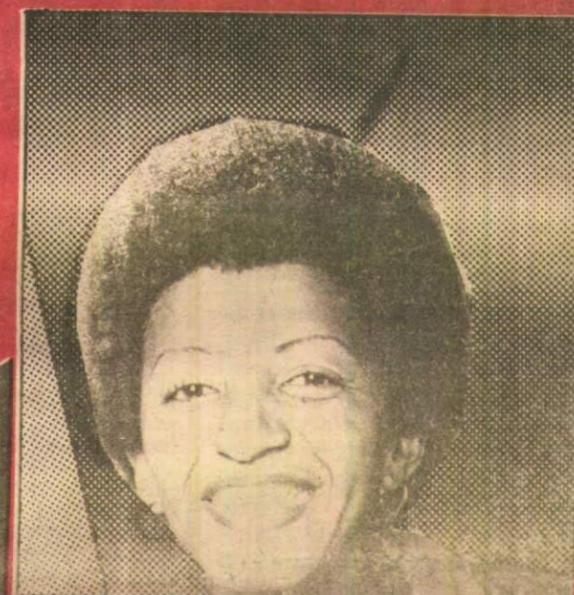
LAMPIÃO da esquina

Ano 1 — Nº 6 — Novembro de 1978 — Cr$ 15,00

Leitura para maiores de 18 anos

CRIMES SEXUAIS

Décio Escobar, Fred Feldman, o Cupido de Ouro: uma nova versão para estas mortes

ENTREVISTA: LECY BRANDÃO E A MPE (MÚSICA POPULAR ENTENDIDA)

FRENÉTICOS DANCING GAYS

YUKIO MISHIMA: VIOLÊNCIA E PAIXÃO

ELEIÇÕES: A LOUCA MORRE AFOGADA ?

VAMPIRO DE FLORIANÓPOLIS ATACA (PAG. 9)

LAMPIÃO

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. CGC: 29529856/0001-30; Inscrição estadual 81.547.113.

Endereço: Caixa Postal 41.031, CEP 20.241 (Santa Teresa), Rio de Janeiro, RJ.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua dc Livramento 189/203, Rio. **Distribuição,** Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente. Rua da Constituição, 65/67. Sãc Paulo: Paulino Carcanhetti; Recife: Livraria Reler; Salvador: Literarte; Florianópolis: Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.; Belo Horizonte: Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda.; Porto Alegre: Coojornal; Teresina: Livraria Corisco; Curitiba: Ghignone.

Assinatura anual (doze números): Cr$ 180,00. Assinatura para o exterior: US$ 15.

Heterossexualidade: perversão ou doença?

James Lindesay
(*Osler House, Oxford*)

A heterossexualidade (derivado do grego "heteros", que significa diferente, enquanto que no latim "heitare" quer dizer bocejar) é uma condição na qual o indivíduo é sexualmente atraído por membros do sexo oposto. Está se tornando cada vez mais aparente que os heterossexuais (ou "drabs" — insípidos —, como eles mesmos se chamam) formam de fato uma significativa proporção da comunidade — é de longe o mais comum dos desvios sexuais —, de forma que o médico tem de estar preparado para tratar do problema quando ele surge.

A heterossexualidade não respeita fronteiras de classe ou cultura; homens e mulheres de todas as raças e classes sociais são acometidos por ela. É no entanto verdade que, graças a um processo de auto-seleção, certas ocupações são as que os heterossexuais têm maior tendência a exercer. Entre os homens, essas ocupações incluem trabalhos agressivos como os de mão-de-obra ou de motorista de caminhão, que ajudam a agüentar as ansiedades resultantes do desempenho de um papel, e várias outras profissões (inclusive, deve ser dito, a da medicina), onde a possessão e o exercício do poder são a atração. As mulheres preferem ocupações menos ativas como, por exemplo, de secretária ou vivandeira. Muitas mulheres, naturalmente, não conseguem trabalhar, presas em casa por causa das crianças, que são quase sempre a conseqüencia das relações heterossexuais.

A vida social dos heterossexuais é lúgubre, com pegações feitas em locais bem conhecidos da cidade (certos bares, discotecas), ou simplesmente caçando pela rua. Eles pegam sozinhos, ou em grupos, e procuram constantemente a satisfação sexual através de relações sempre iguais e muitas vezes superficiais, geralmente anônimas e raramente satisfatórias (de fato, a prostituição heterossexual não é incomum). Numa tentativa de desfazer esse quadro deprimente, muitos heterossexuais chegam a aderir a um tipo de "casamento"; mas, depois de um início apaixonado, mais de um quarto dessas relações dão com os burros n'água, como demonstram as atuais estatísticas sobre o índice de divórcios.

Do ponto de vista psiquiátrico, os heterossexuais podem ser classificados em termos gerais dentro dos seguintes grupos.

I *Adolescentes e adultos mentalmente imaturos* : É bastante comum que o jovem se entregue a um comportamento heterossexual sem qualquer sentimento aparente de medo ou culpa; ele considera tal comportamento mais uma travessura do que desordem. Essa atitude muitas vezes persiste na vida adulta.

II *Personalidades doentias:* Distúrbios neuróticos, alcoolismo, psicopatia e outras anomalias da personalidade são extremamente comum entre heterossexuais estudados por psiquiatras. Essa pertubação pode afetar o indivíduo de duas maneiras; pode ser de caráter interno, causando depressão e sentimentos de inadaptação, ou então dirigida para fora na forma de comportamento ressentido e anti-social. Ainda não foi determinado se essas desordens associadas predispõem uma pessoa ao heterossexualismo ou se são a conseqüência dele.

III *Invalidez mental séria:* Ocasionalmente, o comportamento heterossexual é um único componente numa desordem psicótica grave (muito frequentemente esquizofrenia), ou na deficiência mental. Esses heterossexuais têm muitas vezes de serem segregados da sociedade até tornarem-se inofensivos pela idade ou tratamento específico.

IV) *Personalidades latentes, bem equilibradas:* Alguns heterossexuais conseguem levar vidas úteis suprimindo seus impulsos e reconduzindo a libido por canais mais construtivos; por exemplo, médicos e enfermeiras de plantão noturno. Inevitavelmente, as tensões impostas por tal abstinência tornam-se na maioria dos casos insuportáveis, e alguns desses heterossexuais fraquejam, chegando a "casar", num acesso de pânico heterossexual.

V) *Personalidades relativamente intatas:* Por último, há um grupo cujo desenvolvimento da personalidade e funcionamento do ego parecem intatos, conduzindo-se eficaz e construtivamente na sociedade. Não se deve esquecer que alguns dos nossos maiores cientistas, artistas, advogados e até primeiros-ministros foram e são heterossexuais.

De qualquer forma, todas essas pessoas apresentando um comportamento heterossexual têm certas caracteristicas comuns de personalidade. Têm dificuldade em conciliar impulsos condicionados e agressivos, e há grande tendência de se tornarem estereotipados em seu papel especifico; qualquer ameaça a esse papel lhes causará óbvia ansiedade e poderá até empurrá-los para a violência física.

Como bem demonstra a freqüência de estupros e as surras na "esposa", a heterossexualidade masculina pode muitas vezes se espressar como hostilidade para com as mulheres; de fato, muitos assassinatos por ano no Mundo Ocidental são de um heterossexual por seu (ou sua) cônjuge. Por sua própria natureza, a cópula heterossexual é um ato agressivo, reiterando, como o faz, a castração simbólica da parte feminina passiva. A reprocidade em sexo é rara, e geralmente não é vista com bons olhos por outros heterossexuais.

Sua tendência é se preocupar com sexo. Acredita-se que um heterossexual de vinte anos pode gastar tanto quanto dois terços de sua vida ativa entregue a fantasias sexuais. Certas qualidades físicas são muitas vezes populares; um heterossexual masculino pode ter uma preferência exagerada por um detalhe especifico da anatomia feminina como, por exemplo, os seios, as nádegas, ou mesmo as pernas. Esse fetichismo do corpo também é encotrado em mulheres, para quem ter pênis grande e quadris estreitos estão entre os atributos considerados desejáveis. Com relação ao comportamento sexual, são comuns fortes atrações e aversões. Os papéis ativo e passivo são raramente trocados, com o resultado inevitável que o ato transforma-se em hábito ou dever, sem qualquer prazer. Outras perversões podem ser associadas com a heterossexualidade.

Muitos psiquiatras acreditam que a inteligência média dos heterossexuais como um grupo é mais baixa do que a da população como um todo. Não há um trabalho publicado para apoiar ou contradizer tal opinião mas, se for verdade, ajudaria a explicar a dificuldade que muitos heterossexuais parecem ter para compreender o valor e o significado das circunstâncias da vida.

Existe ainda muita coisa para ser descoberta sobre o que causa a heterossexualidade. É provável que haja mais de uma etiologia. Os heterossexuais são um grupo diversificado, e enquanto em alguns os fatores constitucionais podem ser importantes, em outros as influências ambientais e psicológicas estão provavelmente embaralhadas.

CONSTITUCIONAL

As influências genéticas podem ou não ser significativas; as evidências existentes são insuficientes e novas pesquisas se fazem necessárias. Não foi encontrada qualquer anormalidade de cromossomos e os heterossexuais não têm características físicas que os distingam. É um fato, porém, que a maioria dos heterossexuais tem pais heterossexuais.

Foi sugerido por diversos pesquisadores que a heterossexualidade pode ser o resultado de desequilíbrio hormonal. Nos machos adultos, os níveis de testosterona parecem afetar a intensidade do impulso sexual, mas não sua orientação; os níveis de urina do hormônio não são significativamente diferentes em heterossexuais. Mas uma versão mais requintada da teoria diz que o hormônio produz seu efeito atuando sobre o cérebro num período crítico de seu desenvolvimento. Diversos estudos mostraram que a estrutura e função do cérebro em desenvolvimento do rato podem ser perturbados se expostas a andrógenos (hormônios masculinos). Não se sabe ainda se esses distúrbios hormonais podem ser levados em conta com relação aos modelos observados de comportamento da heterossexualidade humana.

AMBIENTAL

Sem dúvida, a criação do indivíduo, se predisposta de certa maneira, pode levá-lo ao heterossexualismo. Como diz Hoflung: "os elementos do comportamento sexual que são chamados de desviados nos adultos ocorrem regularmente em crianças e bebês". Tal comportamento — por exemplo, brincadeiras mútuas com os órgãos genitais por meninos e meninas, ou uma curiosidade mórbida em relação às partes genitais do genitor do sexo oposto é coisa comum entre aqueles que mais tarde serão heterossexuais.

A experiência da maioria dos conselheiros "matrimoniais" nos diz que os heterossexuais tendem a casar com seus pais; isto é, querem como parceiros aqueles que não só podem oferecer a segurança de uma relação familiar mas também uma gratificação sexual que lhes é proibida pelos tabus do incesto. Ao procurar mulheres como parceiros sexuais, o heterossexual masculino está sendo motivado primeiramente pelo medo; medo não só do incesto, mas também da perda da relação maternal que estaria sendo ameaçada na sociedade pela presenca de outros homens.

Há provavelmente um forte elemento de identificação fantasiosa com o genitor do mesmo sexo, e um desejo de adotar esse papel paternal em relação aos outros. Meninos com pais autoritários e meninas com mães protetoras e discretas parecem ser particularmente vulneráveis a isso. No homem, essa identificação com o pai como parceiro dominante de qualquer relacionamento é a causa principal das ansiedades sexuais e um fator significativo na etiologia da violência sexual.

Esses são, pois, alguns dos fatores que atuam para impor o comportamento heterossexual sobre o indivíduo. Uma vez bem estabelecido, outras pressões reforçarão esse comportamento (ou, de fato, o gerarão por sua própria conta), sendo elas de tal monta que podem tornar o tratamento difícil ou impossível. Quando o indivíduo é transformado em parte de um grupo heterossexual (o mundo insípido), e adotados os maneirismos típicos e o jargão heterossexuais, a força do grupo entra em ação para mantê-lo assim, sendo que qualquer pensamento de abandonar ou mudar seu papel de heterossexual será desencorajado pelos outros. Essa coerção é o preço que a pessoa tem de pagar pelas severas medidas de segurança que um grupo desses tem a oferecer. Em nível pessoal, é sempre lisonjeiro ser considerado atraente, e essa satisfação da vaidade é uma recompensa tão importante para o heterossexual como o seria para qualquer outro. Finalmente, deve ser lembrado que o comportamento heterossexual é frequentemente recompensado com ganhos materiais.

São esses prêmios que levam provavelmente o heterossexual a rejeitar, muitas vezes com desprezo, qualquer oferta de ajuda psiquiátrica. Eles afirmam que são perfeitamente felizes assim, que a heterossexualidade é uma condição "superior", que os psiquiatras só querem puni-los, e assim por diante. Está claro que tais defesas resultam da insegurança e o médico tem de oferecer seu apoio com cuidado e tato. Os heterossexuais merecem nossa simpatia e tolerância tanto quanto precisam de socorro profissional.

— Obras consultadas:

1) Population Trends (1976), Marriage and Divorce, London, Her Majesty Stationery Office, p.3

2) Kolodny, R.C. (1976), Sexual Behaviour: Hormonal Control. Neuroendocrinology, ed. Martini & Ganong, vol. 2, p.197 — Academic Press, New York

3) Hoelug, C.K., Texbook of Psychiatry (1975), J.P. Lipincott Co., Philadelphia and Toronto

4) Mussen, P. & Distler, L. (1959), Masson Relationships. Freud and Psychology, p.305, Penguin Modern Psychology.

(Reimpresso da OXFORD MEDICINAL SCHOOL GAZETTE, vol. 20, n.3.)

Tradução de Francisco Bittencourt

LAMPIÃO da Esquina

Quem tem medo de Lutzemberger?

Até pouco tempo atrás o Brasil parecia que ia ficar a salvo dos problemas da poluição. Continuávamos sendo aquele paraíso que fez o escrivão Caminha das naves de Cabral ter ataques de lirismo ao relatar o que via. Todo mundo tinha a mesma opinião: Deus é brasileiro, não vai deixar que façam aqui os horrores que fizeram no Japão, enchendo de mercúrio suas costas e envenenando indiscriminadamente fauna, flora e seres humanos. Mas enquanto nós divagávamos sobre a proteção divina, eles, na surdina, mandavam brasa. A Amazônia foi fotografada por satélite e a seguir loteada; os projetos petroquímicos das multinacionais começaram a destruir rios e costas; quiseram acabar com as matas do Espírito Santo para plantar palmito de exportação, mataram os jacarés e as capivaras do Mato Grosso para vender o couro, pescam 365 dias por ano todas as baleias, lagostas e camarões do Nordeste e jogam no mar o poluente industrial. E tudo isso porque o Brasil é o país do futuro. Desde que não venham nos incomodar no sagrado descanso do lar está tudo bem. Ai que preguiça! É tão bom ficar se embalando na rede, coçando bicho-de-pé e desfiando um rosário de lugares comuns. Que acabem logo com tudo — índios, bichos, plantas, rios —, só não atrapalhem nossos sonhos nem queiram discutir esses problemas no horário das novelas da TV Globo.

Mas eis que surge um chato para estragar a festa. Presidente de uma até então conhecida Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, José Lutzemberger, Lutz para os amigos, apareceu na imprensa nacional quando uma remota praia do Rio Grande do Sul, a de Hermenegildo, foi atacada por um "misterioso" veneno que destruia tudo ao seu alcance. A desolada figura, magra, alta e encurvada recolhendo os animais mortos na praia ganhou os noticiários da TV; o visual dele incomodava — parecia uma ave de rapina —, mas dizia coisas tão terríveis que ninguém podia deixar de ouvir. Sua atuação foi tão decisiva nesse episódio que tiveram de mandar correndo para o Sul o Ministro da Saúde. Quando a autoridade desembarcou de seu jatinho em Hermenegildo, Lutz já tinha feito tal estrago na opinião pública que só restou ao Ministro balbuciar algumas palavras em sentido entre um e outro acesso de tosse causado pelos eflúvios venenosos que vinham do mar. Desde então Lutz transformou-se na má consciência pública, na pulga na camisola do sistema. E a gente nunca mais dormiu em paz.

No I Simpósio Nacional de Ecologia que se realizou no mês passado em Curitiba lá estava ele outra vez, ovelha negra da classe, perturbando os trabalhos. Não queriam que abrisse o bico, para que não atrapalhasse a concordância geral. Mas Lutz fez tal onda que o troço quase acabou em pancadaria. Só quando receberam "ordens superiores" é que as vaquinhas de presépio da mesa deixaram que ele subisse ao palco. E que foi que disse Lutz, encarapitado na tribuna como um corvo, óculos na ponta do nariz? "Os atuais modelos desenvolvimentistas são suicidas. Baseiam-se na exploração de rapina em todos os setores." Para o ecólogo gaúcho o Brasil de hoje está trabalhando contra as gerações futuras. Não adianta combater o pequeno predador se o grande faz o que quer. Os sítios arqueológicos estão sendo sistematicamente devastados. Um sambaqui de Laguna, Santa Catarina, com 80 metros de altura e oito mil anos de idade, foi inteiramente destruido e vendido para usinas de concreto. As terras do Nordeste, diz ele, só produzem açúcar, e "este dá o dinheiro que os senhores feudais vão gastar bem longe dali". E Lutz remata com uma constatação que é o próprio cerne da questão: é o antropocentrismo do pensamento cristão o responsável por toda a filosofia destruidora do homem ocidental.

O que mais incomoda em Lutzemberger é que ele não fala de problemas abstratos ou de teses interplanetárias. Seu tema é o Brasil, o homem brasileiro, o presente. "Miséria e alienação são conseqüências do modelo de desenvolvimento, onde a tecnologia é centralizada e a favor das monoculturas", afirma. Como um bom quixoto que é, ele pede a participação popular em todos os assuntos da nação e que os homens não permaneçam indiferentes "ante as decisões dos tecnocratas". A ecologia, para José Lutzemberger, é assunto de todos, a ser discutido livremente. Foi por defender tal tipo de pensamento que seus ...gas de Curitiba quiseram proibi-lo de falar. ... classe unida e de pensamento independente diante do poder eles deram um belo exemplo para o imenso público estudantil paranaense que entrou à força no Teatro Guaira para assistir aos debates.

Francisco Bittencourt

Terror no Rodolfo Dantas

O que será que está acontecendo com os alegres rapazes de Copacabana, exatamente os que moram nas ruas Rodolfo Dantas, Carvalho de Mendonça e adjacências? Está se tornando "moda", ou melhor, vandalismo puro, as agressões aos transeuntes daquela área. Num sábado destes um garoto com mais ou menos 20 anos teve sua cabeça quebrada, com sangue escorrendo pela rua e tudo mais. É bom salientar que os mais visados são os que se mostram mais descontraídos, ou seja, as amigas pintosas. Fatos como este aconteciam há 20 anos atrás quando a turminha da rua Miguel Lemos gostava de agredir todos os que passassem pela esquina da Avenida Copacabana com Miguel Lemos. As histórias da época são as mais incríveis, entre elas está aquela, de uma velha amiga nossa, que foi enterrada na Praia de Copacabana, ficando apenas com o pescoço de fora. Ora, gente, os tempos mudaram e as pessoas devem lutar pelos seus direitos de andar como quiserem. Aceitar este tipo de provocação e não reagir? Algo está errado com este pessoal. Ninguém tem o direito de agredir as pessoas ao seu bel-prazer, neste caso, obviamente sádico. Talvez uma boa sugestão fosse um policiamento naquela área, mas também é importante que as pessoas agredidas procurem tomar providências, para que acabe esta onda de terror, principalmente numa concentração urbana estimada em mais de 600 mil habitantes. **(A.A.)**

Recife brinca de samba

Imaginem a escola de samba Beija-Flor de Nilópolis sem a multidão de bonecas que, todos os anos, enfeita suas alas, num *crescendo* que culmina com a triunfal passagem da *superbe* Eloina pela passarela do samba. Sem este pessoal a escola perderia grande parte do seu poder de atração, não é mesmo? Pois bem, a Gigantes do Samba, uma espécie de remota filial da escola de Nilópolis sediada em Recife, acaba de tomar essa medida extrema: no próximo ano, não haverá travestis — como eles chamam indiscriminadamente qualquer homossexual — em suas alas.

A escola usou, como argumentos para afastar aqueles que eram sua principal atração, todos os anos, a terminologia de sempre: eles ofenderiam a moral e os bons costumes etc., com seus "trejeitos e gritinhos". O pessoal foi proibido até mesmo de freqüentar — pagando ingresso e tudo — os ensaios da escola: para garantir a proibição, há leões de chácara à porta especializados em identificar e apontar bonecas, por mais enrustidas que sejam.

Pra começo de conversa, escola de samba no carnaval pernambucano já é uma coisa horrorosa: a terra do frevo há muito deixou para trás suas tradições, para imitar — e mal, sem dúvida — as do Rio; a Gigantes é uma escola de classe média/remediada, o que justifica, sem dúvida, a proibição: o pessoal tem medo da alegria desenfreada dos expulsos. Estes já arranjaram outra escola para desfilar — a Império do Samba —, mas não desistiram de lutar pelos seus direitos:

vão impetrar mandado de segurança contra a diretoria da Gigantes, e exigir que esta volte atrás em sua decisão. Para isso, até já nomearam um advogado, o Dr. Orlando Correia de Carvalho, que, ouvido pela imprensa local, atacou com a linguagem especializada: "Não existe amparo legal para proibir as pessoas de desfilarem. Isso fere o princípio da exonomia do direito — a lei diz que somos iguais perante ela".

Se desfilar é uma coisa tão importante para eles, o pessoal devia era fundar sua própria escola de samba, já que no Recife o que existe, por enquanto, é imitação barata das escolas cariocas. Aí sim, o pessoal de lá ia ver o que é um carnaval. O problema, além disso, é puramente social, como bem disse o candidato a deputado federal Baiardo de Andrade Lima (*vide* artigo à página 4): proibiram a entrada dos travestis porque são quase todos homossexuais saídos das classes menos favorecidos. Se fosse Marcelo Campos, Alex, Múcio Catão, rapazes muito influentes na cidade, ninguém pensaria em proibi-los.

Lendo "Gente Gay"

Nas bancas, pela primeira vez em sua já longa vida subterrânea, o jornal **Gente Gay**, de uma equipe capitaneada por Agildo B. Guimarães, Anuarzinho Farah e Fridirico Jorge Dantas. Em três páginas compactas, o povo em questão dá o seu recado, despido de preocupações ditas intelectuais — mas nem por isto menos importante, do ponto de vista de uma ação realmente libertária do que, por exemplo, do nosso trabalho em LAMPIÃO. Benvindos às bancas, rapaziada do **Gente Gay**. E obrigado pelas referências a LAMPIÃO. As notas dadas por vocês estão em nossos arquivos, ao lado de outras matérias da chamada grande imprensa — já que para nós o valor dos dois tipos de cobertura se equivalem. Desvanecidos, até comovidos pelas notas do **Gente Gay**, concluimos, esclarecendo que, sem este tipo de publicação, LAMPIÃO não teria, talvez, condições objetivas de existir.

E no dia 15, a boneca morre afogada?

Esta é a época em que os políticos lembram-se de todos os conhecidos, que passam a ser tratados com o carinho de velhos amigos. A caça aos votos não conhece limites, nem pudores, nem constrangimentos. Já recebi oito ou dez envelopes recheados de cédulas, plataformas e promessas, além de cinco ou seis telefonemas. Um desses oito (ou dez), esqueceu até que já tivemos um pequeno atrito, tempo atrás.

Falando de si mesmos, os candidatos em sua maioria citam qualidades vagas como dinamismo, integridade moral, honestidade, etc.; ou que foram (até), diretores deste ou daquele clube ou entidade, desta ou daquela cidade do interior, como se isso, imaginem, desse gabarito a alguém para opinar ou decidir sobre os destinos de um país, no caso o nosso. Os conceitos que pretendem defender são igualmente vagos e interpretáveis conforme as conveniências, tais como justiça social, igualdade, direitos humanos. Muitos podem e devem ser honestos, mas já a priori se sabe que, mesmo bem intencionados, não conseguirão torcer a engrenagem da máquina burocrática e que a verdadeira representação popular, quando muito, será apenas uma fachada decorativa.

Gostei de verdade de um candidato, cujo programa encontrei por acaso no chão de um táxi , há uns quatro meses. Mas seria mesmo um candidato? Não me lembro de ter visto a sigla de nenhum dos dois partidos e chego a pensar que talvez fosse, ainda, um candidato a candidato, fazendo sua promoção clandestina. Este, porém, acreditava mesmo, com seu visionarismo anárquico, poder mudar a situação. Criticava de tal maneira o poder constituído, as autarquias, o paternalismo oficializado, as multinacionais, etc., que mesmo no partido da oposição (existe?), certamente terá sido recusado.

Existe um comportamento amistoso — e generalizado — no pedido de voto, em alguns dos envelopes que recebi. Neles vêm incluídos bilhetes pessoais dizendo "espero contar com seu apoio", "um seu amigo na Câmara", etc. Até aí tudo bem, porque na falta de plataforma de que se tenha certeza que será cumprida , a gente acaba é votando mesmo nos amigos. Estranho, porém, é que uma candidata à deputada federal, minha querida e jovial amiga, e que portanto poderia ter anexado um bilhete informal e bem íntimo dizendo coisa assim como "meu querido, esta sua do peito está precisando do seu voto" (aquilo que ela me falaria pessoalmente), enviou-me um xerox da sua plataforma onde ela ou alguém por ela escreveu formalmente "Artista Darcy Penteado". Como se a sua espontânea jovialidade, mesmo para aqueles que a têm como amiga, pudesse pegar mal com a seriedade das suas intenções políticas.

Alguns telefonemas que recebi tinham uma característica especial: as pessoas ameaçavam dizer e não diziam. Explico melhor: os candidatos não têm coragem de se abrir sobre aquilo **que assumi vivencialmente,** aquilo **que talvez torne possível a mim arrebanhar ou influenciar eleitores. Um deles teve coragem, ameaçou dizer, mas mudou a frase no final: "Gostaria que você trabalhasse por mim junto ao seu grupo ho... intelectual". Notaram? O som das palavras é parecido, porém, não me consta que elas sejam sinônimas, porque nem todos os homossexuais que conheço são intelectuais, e vice-versa. Se então eles não têm a coragem de falar com naturalidade, nem mesmo comigo, a palavra homossexual, que reivindicação poderão oferecer em troca do voto? Também, não é para menos tal medo. Já pensaram que p..... escândalo se um deles se levantasse numa sessão da Câmara e dissesse: "Quero aqui em nome de todos os homossexuais do Brasil?" Talvez com o tempo, quem sabe.**

Enquanto isso, e mais uma vez, a minoria homossexual, que poderia ser uma maioria eleitoral, continuará sem candidato, desorientada e, por que não?, desinteressada pelos destinos políticos do País, votando a esmo no candidato mais gostoso, ou mais simpático — gênero de alienação que, aliás, é muito comum, não só entre homossexuais. Sem querer ser elitista, é preciso considerar que os negros têm seus candidatos, os japoneses idem,, os "turcos", então nem se fala. Em São Paulo proliferam os nomes de candidatos árabes. (N.R. — Embora os candidatos que pertencem a essas raças não as defendam.) Porém as bonecas não se preocupam com a política: desde que a polícia não as prenda, ou então que prenda, mas não dê porrada; desde que não falte o dinheirinho para freqüentar a discoteca especializada no sábado à noite e a sauna na tarde de domingo, elas estão felizes da vida.

Talvez eu esteja sendo rigoroso demais à espera e à procura de um candidato que tome conhecimento da possível força dessa classe. (Seremos uma classe?). Não se pode esperar a conscientização espontânea deles, políticos, a propósito dos nossos direitos, uma vez que nós mesmos como classe (?) ainda não conscientizamos nem mesmo a nossa realidade vivencial, muito menos os nossos direitos civis. Enquanto os homossexuais continuarem satisfeitos com a pequena liberdade que lhes é concedida dentro do gueto, ninguém irá oferecer-lhes reivindicações, é claro.

Como naquela anedota do naufrágo, o capitão continuará determinando que as mulheres fiquem de um lado e os homens de outro. A diferença entre a piada e a eleição atual é que nesta última a boneca permanecerá caladinha, mais uma vez, sem que ninguém se lembre dela na distribuição dos botes salva-vidas. Esperemos que numa próxima ela não seja esquecida, tenha tomado consciência e que grite bastante pelo seu direito de não morrer afogada, como tem acontecido até agora. (Darcy Penteado)

DEPUTADO FEDERAL
ANDRADE LIMA
Nº 201 — MDB

Liberdade Gay
Legalização do Aborto

Um candidato fala mais alto

Existe, sim, um candidato a deputado — e federal — capaz de pronunciar, em alto e bom som, a palavrinha da qual o amigo de Darcy, como ele diz em seu artigo nesta página, habilmente se desviou: ele se chama Baiardo de Andrade Lima, é do partido da oposição, e disputa o eleitorado pernambucano com uma plataforma na qual existem ítens como "a legalização do aborto" e "a defesa intransigente dos direitos dos homossexuais". Não se pode dizer que Baiardo seja um oportunista, pelo tipo de campanha que vem fazendo; afinal, ele mora em Pernambuco, Estado que, desde a Revolução de 1817 — da qual este candidato parece ter herdado as tradições liberatórias — vem sofrendo um castigo cujo auge foi a indicação de Moura Cavalcanti para governá-lo.

Sorte do povo guei pernambucano, que tem o seu candidato; no Rio, por exemplo, cidade falsamente liberal (falsamente, **sim: é a cidade de Chagas Freitas), não há uma escolha desse tipo. Em compensação, há ótimos candidatos. Eu, por exemplo, vou votar em Modesto da Silveira, que nos últimos 14 anos vem defendendo a mais perseguida de todas as minorias deste país, a dos dissidentes políticos. Modesto tem tamanha prática no assunto que recentemente, quando LAMPIÃO precisou de um advogado, não hesitou em considerar o nosso um jornal de minorias sério e atuante, e assumiu a nossa causa. Acho que, à falta de outro, deve ser este o nosso critério de escolha. Quanto ao pernambuco Baiardo, leiam abaixo o artigo que ele escreveu especialmente para LAMPIÃO (aguinaldo Silva).**

Um jonalista, Délcio Monteiro de Lima, publicou em 1977 uma obra pioneira no país, ***Comportamento Sexual do Brasileiro****. Entre as suas conclusões, afirma: "O importante neste processo" (de tolerância à conduta sexual) "é que a relativa tolerância já permite a autodefinição e a afirmação das minorias, especialmente as sexuais, sem a contrapartida permanente e institucionalizada das perseguições e prisões. Contra aqueles que, por motivos e razões diversos, não seguiram o caminho "normal" que conduz ao casamento, à geração de filhos, à constituição de família, mais um elo na corrente formadora da sociedade."*

E prossegue Délcio Monteiro de Lima: "Há uma estreita relação entre família e o sistema político tradicional. Na medida em que este grupo básico vai perdendo sua importância econômica, e, portanto, a sua função política, os comportamentos que divergem daqueles acreditados como familiares são mais tolerados, ou seja, já não mais passíveis de punições institucionalizadas."

Não concordo totalmente com a assertiva. Acredito que as minorias são aceitas quando interessam à sociedade de consumo, como afima Pier Paolo Pasolini em estudo publicado no número 5 de ***LAMPIÃO da Esquina****.*

Talis Andrade, em tese escrita para a Universidade de Navarra, Espanha, mostrou que a publicidade comercial descobriu os consumidores potenciais — ainda não de todo explorados — que são os homossexuais. Hoje, não é gratuitamente que são vistos modelos homossexuais nos filmes publicitários. O homossexual, como a mulher, a mulata, passou a ser objeto sexual de consumo, como classe economicamente importante no mercado, como motivação psicológica para a ação de persuasão e de compra.

A mesma exploração é realizada pelos políticos. Escreve ***LAMPIÃO da Esquina:*** *"Agora, por exemplo, o* ***frisson*** *das eleições se junta à estividade* ***discothéque****. Tem uma boate guei em São Paulo fazendo propaganda (alardeada pelo microfone) de um candidato do MDB. Outra faz propaganda (não tão escandalosa) de um candidato da Arena. Sim, as bichas e lésbicas rendem votos. Mas aí eu fico pensando, indignado: então é só pedir voto, assim gratuitamente, sem atender a nenhuma exigência?"*

A indagação de João Silvério Trevisan tem razão de ser. Que se venha à praça pública (a praça do povo) pedir o voto. Sem essa de amor maldito! Sem essa de candidato enrustido que pede voto na moita! O amor, como o voto, deve ser livre.

Aqui no Recife, conforme declarei em entrevista ao ***Diário de Pernambuco****, de 27 de setembro último, existem delegados que dão batidas em bares e restaurantes, simplesmente para caçar os homossexuais, enquanto ladrões e assassinos atuam impunemente. A polícia pernambucana prende os homossexuais por puro sadismo, exibicionismo e falso moralismo.*

Mas uma coisa engraçada em tudo isso é que, com a aproximação da campanha e o dia das eleições, as perseguições cessaram. Tal estratégia não é bem demonstrativa de que a polícia teme que o regime perca votos? Ê ou não é o homossexual uma força eleitoral?

Nesta mesma entrevista tive oportunidade de mostrar como a repressão funciona. No Brasil, ser homossexual não é em si ilegal. Mas o problema é que utilizam subterfúgios para condená-los pelo que se considera crime contra a natureza ou para a aplicação de duras leis sobre sodomia, quando não são presos e enquadrados no elástico e vago delito de falta de decoro público.

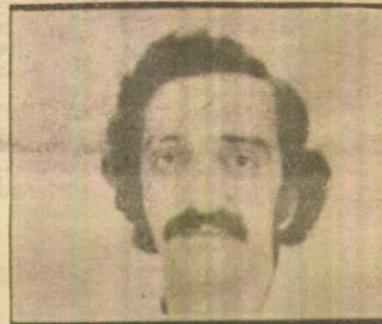
Pier Paolo Pasolini estabelece duas constatações cruciais, citando Daniel e Baudry: 1) "A União Soviética e Cuba têm leis severas contra os homossexuais, em nome da defesa do povo contra os vícios do capitalismo decadente." 2) *"É significativo que Hitler tenha enviado aos campos de concentração, para exterminá-las, três categorias minoritárias, com a mesma motivação de* ***salvaguarda da defesa da raça:*** *os judeus, os ciganos e os homossexuais. Estes, distinguidos por um triângulo rosa, eram objeto de tratamentos particularmente abomináveis. São eles, apesar de tudo, os únicos que, após a guerra, nunca tiveram direito a uma pensão. E ainda, podemos acrescentar (diz Pasolini), são os únicos para os quais as coisas continuaram essencialmente como antes, sem o menor sinal de qualquer forma de reabilitação."*

Ultimamente, sopram no País os ares de uma abertura eleitoral, que visa ativar uma mentirosa aparência de liberdade. Mas quem garante que não vivemos uma falsa escalada democrática? Precisamos aspirar uma liberdade a plenos pulmões. ***Isto É*** *acaba de publicar duas reportagens (o "dossiê da repressão") sobre os mortos e desaparecidos de 1966 a 1974. Mas não saiu nenhuma lista dos que foram encarcerados simplesmente porque eram homossexuais. Aqui mesmo, no Recife, um conhecido colunista social foi preso mais de uma vez.*

O que precisamos é de uma reforma sexual. A chamada libertação gay não pode ser um movimento isolado, mas um clamor contra uma sociedade doente. Um clamor contra o falso puritanismo, contra o que Robert Wood chama de "conspiração do silêncio". E o primeiro passo desta luta constitui o "direito de estudar e debater as funções sexuais em todos os seus aspectos, e de publicar os resultados desses estudos. Pessoas ainda vivas se lembram de que toda a questão estava envolvida num manto de sigilo que parece hoje quase inacreditável. Destacado clínico do século XIX manifestou a ponderada opinião de que até mesmo a atribuição de sentimentos sexuais à mulher era uma 'vil calúnia', e muitos gráficos anatômicos da época omitiam completamente o sistema sexoal. Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos havia uma mitologia negativa do sexo, que proporcionou o alicerce para uma moralidade repressiva e antibiológica."

No Brasil, ainda vivemos o primeiro passo desta luta por uma reforma sexual. Fala-se de tolerância, mas o ministro Falcão, da Justiça, proíbe a circulação do ***Relatório Hite****, considerando imoral um livro em que, nas palavras da editora, "pela primeira vez a mulher é ouvida sobre a sua própria sexualidade, e, pela primeira vez, principalmente, a mulher fala, sem qualquer inibição, sobre a sua própria sexualidade".*

Wood retrata bem a situação brasileira, apesar de falar dos Estados Unidos dos tempos que precederam e viveram o macartismo: "A resistência à nova maneira de ver foi amarga e persistente. Algumas obras que abordavam a função sexual foram, naturalmente, toleradas. Os primeiros trabalhos sobre masturbação, com suas aterrorizantes fantasias em que as infelizes vítimas eram comparadas a 'rosas murchas" e 'defuntos ambulantes', foram aprovados, por apoiarem a mitologia dominante do sexo. Quando começou, porém a investigação cientificamente desapaixonada, mobilizou-se de imediato contra ela poderosa resistência."

Assim, para o Brasil, temos de lutar por uma reforma sexual. E como o problema é da maior complexidade e gravidade, não pode ser colocado, em termos das necessidades nacionais, de maneira improvisada. Para um bom começo, proponho o programa da Liga Mundial Pró-Reforma Sexual, que nasceu apoiada por representações de vários países, a destacar a autoridade de nomes como Havelock Ellis Sigmund Freud, Wihelm Reich e Bertrand Russell.

A Liga, que viveu na década de 20 seus dias mais vibrantes, pode, ainda no Brasil de hoje, ser considerada imoral, muito "prá frente". Mas seu programa, resumido por Wood, é o primeiro passo para uma campanha, embora eu esteja contrário a certas colocações protecionistas e arcaicas. Abaixo, alguns ítens do seu programa:

Igualdade política, econômica e social de homens e mulheres. (De maneira que fique clara a não distinção entre preferências sexuais).

- *Controle da comcepção, de maneira que a procriação só ocorra deliberadamente e com o devido senso de responsabilidade. (Contudo, ficaria proibida a qualquer organização estrangeira, mesmo religiosa, toda e qualquer participação nos programas de controle da natalidade).*
- *Reforma das leis de aborto, a fim de permitir que a gravidez possa ser terminada, por profissionais qualificados, por motivos econômicos, sociais e eugênicos, além das indicações médicas normais.*
- *Educação sexual científica e sistemática de jovens e adultos.*
- *Atitude racional para com pessoas sexualmente* ***anormais****, em especial, para com os homossexuais, masculinos ou femininos. (A palavra anormal deve ser eliminada, como estimuladora de discriminações e, principalmente, por força de conceitos modernos do que seja normalidade, notadamente no campo da sexualidade).*
- *Prevenção da prostituição e das doenças venéreas. Não se recomenda nenhuma perseguição às prostitutas, nem se fariam tentativas de repressão violenta.*
- *As perturbações dos impulsos sexuais seriam consideradas como fenômenos mais ou menos patológicos e não, como no passado, crimes, vícios ou pecados.*

Este é o resumo de um programa de reforma sexual que proponho para o Brasil, e pelo qual lutarei no Congresso. (***Baiardo de Andrade Lima***).

"Anormal assassinado em Copacabana..."

(Cada um tem a morte que fez por merecer ?)

— Cheguei ao apartamento 302 na Rua Almirante Gomes Pereira 130, na Urca, por volta de meia-noite, do dia 19 de abril de 1969. Da porta a gente já sentia o mau cheiro, e o aspecto da sala era desolador. Quadros estavam atirados no chão, tudo revirado. Ao pé de uma cama colonial tinha uma espécie de embrulho, sob o qual aparecia apenas um pé, denunciando a existência do corpo; em torno dele, vários retratos antigos, atirados com violência, com vidros e molduras, quebrados. O corpo estava em decúbito dorsal e, além dos cobertores e panos que o cobriam, tinha, sobre si, muitas flores artificiais; era como se ali fosse o próprio túmulo.

Comissário da 10ª delegacia na época em que se deu o crime, **M.**, ainda hoje na polícia, foi a primeira pessoa a entrar no apartamento de Décio Frota Escobar após sua morte. Lembrando a existência de uma portaria da Secretaria de Segurança que proíbe os policiais de dar entrevista, ele se recusa a falar sobre o assunto. Mas cede, após muita insistência e a promessa de que seu nome não será divulgado. Segundo ele, sua primeira impressão, ao entrar no apartamento, foi de um crime por vingança. Ao reforçar essa hipótese, havia a frase escrita com o sangue da vítima na parede: **"Vingamos o nosso irmão às 23 horas do dia 17-4 (quinta-feira)"**.

— Mas havia mais coisas, o que me levou a mudar essa hipótese: as flores jogadas sobre o cadáver; os sinais cabalísticos desenhados a sangue na parede, lembrando escrita japonesa; e um dragão vermelho, uma estatueta que fora propositalmente colocada diante do cadáver; ela tinha línguas-de-fogo e grandes asas abertas, parecia um monstro enraivecido diante de uma estranha ameaça; tudo isso me fez pensar numa espécie de sacrifício praticado por alguma seita de origem oriental.

Décio Escobar foi estrangulado com um fio de náilon grenã, com o qual seu pescoço foi amarrado ao gradil da cama colonial. Sua mãe, D. Diva, disse que tinham sumido apenas duas coisas do apartamento: Cr$ 600,00 e uma vitrola, o que, para o então comissário **M.**, reforçava ainda mais suas duas hipóteses — vingança ou fanatismo —: "Era como se os criminosos, após o homicídio, tivessem se lembrado de levar alguma coisa, para dar a impressão que tinham cometido um latrocínio".

Os jornais, na época, chegaram a levar em conta as hipóteses do comissário **M.**, Mas elas foram definitivamente arquivadas onze dias após o crime, com a prisão dos criminosos: Antônio Cortinós, o **Italiano**, Luís Carlos Lousada Teixeira, o **Barone**, e Artur Sanchez (o quarto homem, um tal **Baianinho**, nunca foi encontrado) repetiram a mesma história: mataram Décio para roubar, sem que tivessem premeditado o crime; este foi decidido na hora, depois que, junto com o dono da casa, a quem visitavam freqüentemente, consumiram bebidas e tóxicos. Segundo **Italiano**, **"Barone e Baianinho** ficaram muito tempo trancados no banheiro; quando saíram de lá, o primeiro trazia a corda de náilon; Décio estava de sunga, deitado na cama, e ele o enlaçou pelas costas; não houve resistência, e nós todos caímos em cima dele, para ajudar **Barone** a matá-lo".

Nada foi premeditado, segundo os criminosos: nem mesmo os sinais cabalísticos desenhados na parede; o que eles queriam dizer, na verdade, é que não sabiam porque tinham feito aquilo; a decisão de matar Décio brotara repentinamente dentro deles, e o resultado disso foi a violência com que foi consumado o crime. Seria este, portanto, um trabalho para os psiquiatras que, nas prisões, costumam traçar os perfis dos criminosos. Mas neste caso elas não se ocuparam em fazê-lo. E nem se pode dizer que a polícia tenha se preocupado demais com os matadores de Décio. Tanto que um deles, Artur, fugiu após cumprir três anos da pena que lhe foi imposta, e hoje é um temível assaltante.

O CUPIDO DE OURO

Não foi diferente de Juarez Bezerra Viana, que ficou conhecido nos concursos de fantasia do Teatro Municipal como **O Cupido de Ouro**. O crime, supostamente praticado pelos mesmos motivos — para roubar —, teve características de violência diferentes do caso Décio Escobar. Juarez resistiu desesperadamente aos matadores, (com um deles, pouco antes e segundo a confissão do próprio, tinha mantido relações sexuais), levando por causa disso 22 facadas. E a luta foi tão violenta que um dos criminosos acabou ferido pelo companheiro.

O produto do roubo, segundo a confissão dos dois criminosos, presos dias depois, não pagou o trabalho que eles tiveram para planejar e consumar o crime: algumas estatuetas sacras, dois anéis de brilhantes, um relógio e um cordão de ouro, que um deles vendeu, a preço mínimo, a um joalheiro da Praça Tiradentes. Neste caso, o que se devia estudar era a ligação existente entre os dois matadores de Juarez, Ademir de Souza Campos e Gilson Fernandes, ambos gaúchos.

Os dois se conheceram na Cinelândia, onde, segundo a polícia, "exploravam homossexuais" (é assim, eufemisticamente, que costuma ser chamada a prostituição masculina). Filhos de classe média — o pai de Ademir era diretor do Departamento de Estradas de Rodagem no Rio Grande do Sul, —, a mesma idade — 21 anos — na época do crime —, os dois passaram a morar juntos numa hospedaria na Rua da Lapa e a agir em conjunto. Foi Gilson quem conheceu Juarez e quem planejou o ataque. E foi quem, em meio à desesperada resistência da vítima, cravou duas vezes a faca nas costas do companheiro.

Juarez foi morto no dia 11 de outubro de 1971, num apartamento do prédio 310 da Rua Rainha Elizabeth. Oito dias depois Gilson e Ademir foram presos no Rio Grande do Sul. A polícia já fizera um levantamento completo da vida dos dois, e este incluía um depoimento do faxineiro da Hospedaria Souto, na Rua da Lapa, 203, onde os dois dividiram um quarto. Segundo este, Gilson e Ademir "eram casados", coisa que os dois desmentiram categoricamente.

Mas havia entre os dois, pelo menos, uma grande amizade. Foi por isso, sem dúvida, que Gilson não abandonou o companheiro, a quem ferira com certa gravidade durante o crime. Ao contrário, levou-o para o quarto que dividiam na hospedaria, costurou os ferimentos com agulha e linha comuns, e cuidou dele até que estivesse em condições de deixar o local e viajar para São Paulo, de onde seguiram para Porto Alegre. Essa amizade entre os dois era, para eles, uma coisa "nobre". Era como se fossem "irmãos", segundo frisou Ademir em seu depoimento: um era o porto seguro do outro, após os embates que ambos enfrentavam nas ruas: "a gente conhecia muitas bichonas", disse Gilson na época, "mas apenas porque era um meio fácil de ganhar dinheiro". (Gilson foi violentado no xadrez, dois dias após chegar ao Rio, trazido pela polícia. Ele e Ademir foram condenados, respectivamente, a 20 e 18 anos de prisão, no dia 18 de fevereiro de 1974, pelo Juiz Carlos Alberto Bulhões, da 17ª Vara Criminal, que aceitou as razões da denúncia: "latrocínio").

O quarto de Décio Escobar. Sob lençóis, livros, jornais, e flores, o cadáver

No dia 21 de setembro de 1969, no Rio de Janeiro, Nilton Sirio Martins, então com 23 anos, matou com um soquete de carne o Padre Antônio Carneiro Van der Linden, com quem vivia há alguns meses. O sacerdote dormia quando foi assassinado, pois a polícia não encontrou outros sinais de violência, além do crânio de Van der Linden esmigalhado a soquete. Consumado o crime, Nilton juntou tudo o que podia levar — incluindo uma imagem barroca e Cr$ 50 — e fugiu para a sua cidade natal, Governador Valadares, em Minas.

A 29 de maio de 1972 o II Tribunal do Júri, no Rio, encontrou o argumento ideal para inocentar Nilton e absolvê-lo do crime: o Padre Van der Linden, "além de dado a bebidas, era homossexual". A partir daí, tudo o que o criminoso confessou se tornou válido: ele disse, logo foi preso num bar em Governador Valadares, que o padre o tirara de sua cidade natal sob a promessa de emprego. E que no Rio, por conta da proteção inicial, lhe fez exigências que o levaram a agir "em legítima defesa da honra".

A legítima defesa da honra incluía um crime claramente premeditado: Nilton esperou, antes de consumá-lo, que o sacerdote — que, segundo ele, tinha "bebido algumas cervejas" — fosse dormir. Os antecedentes do rapaz não foram levados em conta, bem como o fato de ele ter aceito uma proteção que a qualquer um pareceria suspeita, e de só haver reagido à mesma depois de suportá-la vários meses: para o II Tribunal do Júri, Van der Linden era homossexual; e este argumento tem servido em frequentes julgamentos para reduzir a pena ou mesmo absolver muitos criminosos.

Nilton Sirio Martins, no julgamento, teve poucas testemunhas a seu favor; e estas apenas confirmaram o homossexualismo de Van der Linden, e o fato de que este recebia "visitas de rapazes". O depoimento do criminoso foi suficiente para o júri, formado por pessoas que, em matéria de homossexualismo, limitaram-se a decorar o anedotário sobre o assunto. Mas as testemunhas de acusação também foram poucas. Os amigos de Van der Linden — que teriam muito a dizer sobre a natureza da ligação existente entre o criminoso e a vítima — não se arriscaram a tanto: comparecer ao tribunal e se declarar amigo de um homossexual seria cair em desgraça.

Em agosto de 1976 um repórter que cobriu o julgamento reconheceu Nilton Sirio Martins entre os rapazes parados à porta de um fliperama na Avenida Ipiranga, em São Paulo: é provável que, posto em liberdade pelo II Tribunal, ele tenha partido em busca de outro protetor, já que isso é o que realmente atrai para a companhia de homossexuais pessoas como ele.

Um sério estudo sobre a motivação de tais crimes — não a "legítima defesa da honra", o roubo puro e simples ou os demais argumentos geralmente aceitos pela justiça, mas, ao mesmo tempo, a atração e a rejeição que estes criminosos sentem pelo homossexualismo — ainda não foi tentado entre nós. E por isso, tudo o que se tem, neste terreno, são os estudos de alguns psicólogos ingênuos; um deles, Luís Ângelo Dourado, tem até livro publicado sobre o assunto, no qual se limita a estabelecer relação entre o homossexualismo e a delinqüência: pessoas como Van der Linden, dessa forma, mesmo assassinadas, nunca escapam às classificações de marginalismo e promiscuidade.

Basta examinar o material existente nos arquivos de jornais sobre os crimes aqui citados: os criminosos conviviam habitualmente com homossexuais, embora transformando essa convivência num negócio: deixavam sempre bem claro que, se aceitavam o jogo, era em troca de dinheiro; os crimes foram cometidos de modo violento demais para que o motivo apresentado fosse aceito sem discussões pela polícia e pela justiça; e os criminosos — pelo menos dos que se tem notícias —, uma vez em liberdade, continuaram a circular pelos mesmos locais, em busca do mesmo tipo de parceiros, o que comprova sua confusa — mas inevitável — atração por eles.

Por esse caminho, não é preciso ir muito longe: sem temer o risco dos psicologismos fáceis, diríamos que pessoas como Nilton Sirio e seus irmãos de crime estão, na verdade, matando o homossexualismo que existe dentro deles, numa tortuosa espécie de exorcismo que tem, no assassinio de Décio Escobar (dia 17 de abril de 1969, na Urca, Rio de Janeiro), o maior exemplo: a morte de Décio adquiriu características de verdadeiro ritual, ao qual não faltaram nem mesmo os sinais cabalísticos que os criminosos desenharam na parede, com o sangue da própria vítima, junto com uma frase que nunca encontrou uma explicação: "Vingamos o nosso irmão".

NA GALERIA ALASKA

— Fred pegou um pedaço de pau que tinha no apartamento, perto da cama, e deu-me uma pancada no ombro, ferindo-me, também, o nariz. Sangrou e perdi a cabeça. Tomei-lhe o pau e dei-lhe a primeira pancada no frontal. Ele caiu na cama. Dei mais dois golpes. Ele agonizava. Fui à janela para ver se alguém havia percebido algo. Nesta hora meu nariz pingou sangue no parapeito. Revistei o apartamento mas não encontrei dinheiro nem jóias. Resolvi ir logo embora. No corredor, passei a mão no nariz e ainda sangrava. Limpei os dedos na parede e fui para a rua.

Foi assim que Anival Fonseca, 23 anos, contou, no dia 12 de novembro de 1970, como foi que matou, três dias antes, o pianista Fred Feldman, no apartamento 324 da Avenida Copacabana 1241, Galeria Alaska. Segundo ele, Fred não lhe pagou o que combinaram antes e, como ele reclamasse, ainda tentou agredi-lo. A discussão em torno do **pagamento** seria um item importante na sua defesa, mas deve-se levar em conta o fato de que Anival era um dos midnight-cowboys mais conhecidos de Copacabana, na época, sendo o pianista um dos seus **clientes** preferidos. Assim, o que aconteceu no apartamento não é exatamente o que ele conta, mas deve ter sido alguma coisa que o deixou especialmente traumatizado, e que o levou ao crime.

Para reforçar essa hipótese — houve um ato qualquer de Fred que alterou o precário equilíbrio psíquico em que vivia Anival —, basta lembrar o que lhe fez após o crime. Mal saiu da Galeria Alaska, foi para a casa da namorada, Maria Marta, em Copacabana, levando-a para um hotel, onde os dois ficaram até as duas da madrugada. No domingo — o crime foi num sábado —, ele a levou para visitar sua família em Nilópolis.

Na segunda-feira, no entanto, Anival voltou inexplicavelmente à Galeria Alaska, onde perguntou por Fred. O porteiro lhe disse que não

Continua na página 6

sabia por onde andava o pianista. Na terça-feira, ele voltou à galeria, subiu e bateu à porta do apartamento. Um policial que lá estava o prendeu, e ele confessou o crime. (Para o repórter, uma cena inesquecível: no dia 12 de novembro de 1970, no apartamento do pianista, Anival reconstituiu o crime, com o auxílio do detetive França, que fez o papel de Fred Feldman. Terminada a reconstituição, sorrindo, ele apertou a mão dos fotógrafos, um por um. E, aos repórteres, declarou: "Eu sou um homem normal, sempre tive namorada. Bicha tem mais é que morrer")

HISTÓRIAS TORTUOSAS

São apenas quatro casos de homossexuais confessos mortos por pessoas que, eventualmente, foram seus parceiros sexuais. Em todos eles, a mesma característica: os criminosos sentiam uma inevitável atração por esse tipo de relacionamento, e mascaravam essa atração com o pretexto do **negócio** (é típica a reação de Anival, indo procurar a namorada e a família após o crime). Há dezenas de outros, que podem ser devidamente pesquisados na crônica policial, nos últimos dez anos. No mais recente, em que um soldado da PM, Del Dédio Martins, matou um antropólogo da Universidade Federal Fluminense, outro detalhe insólito: ele levou a vítima na mala do carro que esta dirigia quando o conheceu, para mostrar o cadáver a um amigo e fazer a este a confissão: "eu o matei porque ele me fez uma proposta indecorosa" (ficou provado que Del Dédio cumpriu um longo roteiro de bares e becos escuros com o antropólogo, antes de matá-lo).

Durante uma discussão recente, num desses vastíssimos congressos de psiquiatria, sobre o conceito de normalidade, Laing obteve alguns minutos de atordoado silêncio ao acenar com um punhado de estatísticas e declarar: "Trinta milhões de pessoas foram assassinadas por pessoas consideradas **normais**, só neste século". Ao aceitar apressadamente, nestes crimes evidentemente sexuais que acabamos de lembrar, os motivos apresentados pelos criminosos — latrocínio, legítima defesa da honra etc. —, a polícia e a justiça, pilares do Sistema, nada mais fazem senão referendar a ideologia que levou Anival Fonseca, o matador de Fred Feldman, ao crime: "Bicha tem mais é que morrer".

Não é surpresa para ninguém que seja esta a atitude da polícia e da justiça. O que não se pode aceitar é que os próprios homossexuais, de uma maneira geral, encarem a coisa também dessa maneira, administrando de tal modo o seu sentimento de culpa, que acabam por procurar um possível matador em cada esquina; cabia aos amigos de Décio, de Juarez e de Fred, e à extensíssima lista de **clientes** dos seus matadores, tornar pública, sem nenhum medo, a verdadeira natureza da relação que estes — os criminosos — procuravam. Mergulhados no silêncio e no medo, cada um rezando para não ser a próxima vítima — e alguns até ansiando pelo carrasco que os punirá —, os homossexuais acabam aceitando a tese de Anival: bicha tem mais é que morrer? **(Aguinaldo Silva)**

Antônio Cortinós, o "Italiano", foi um dos matadores de Décio Escobar

Anival Fonseca, o matador de Fred: "Bicha tem mais é que morrer".

Um homem beija Celso Curi e diz: "Você vai morrer"

Estava voltando para casa depois de jantar. Não passava de duas da madrugada. Tudo que queria era um bom banho e uma boa cama. Desligado, parei no sinal da Duque de Caxias com Barão de Limeira e mal desengatei o câmbio a porta do carro se abriu e um jovem armado instalou-se ao meu lado. "Sou assaltante", apresentou-se. E eu sou jornalista, retruquei.

Depois desta piadinha sem graça o medo bateu. Fiquei firme assim mesmo. Ele mandou que eu saisse dali e não tive coragem nem de perguntar para onde. Circulei pela cidade e depois de uns 10 minutos de silêncio absoluto comecei, com receio, perguntar o que queria. Fiquei sem resposta.

Muito jovem e bonito. Depois de algum tempo resolveu falar. Apontava a arma e me obrigava a acariciá-lo, beijá-lo. Em seguida me empurrava, lembrando que eu deveria prestar atenção no trânsito.

Puxei papo novamente. Ele contou que antes de ser assaltante fazia bijuteria na Feira Hippie. Mostrou-me uma pulseira de aço e eu, assustado, teci mil elogios ao resultado final de sua arte. Foi aí que dancei.

— Você gostou? É sua. Quero que você morra com ela. — declarou, colocando-a no meu pulso.

Fingi que não havia entendido nada, agradeci e calei a boca. Ele continuou a me agarrar, me empurrar, tomou coragem e voltou a falar em morte.

— Tudo que eu quero é te matar.

O medo tomou conta de mim. Resolvi combatê-lo falando pelos cotovelos. Falei, falei, falei. Contei-lhe da minha família, que meu pai estava doente, que minha situação no jornal estava péssima, e o pior é que era verdade. Terminei convidando-o para um café, como se nada estivesse acontecendo. Ele aceitou. Parei no Jeca. Lá sempre tem um ou outro conhecido. Nada. Parece incrível: quando você está acompanhado de alguém interessante e resolve tomar um cafezinho por lá, sempre tem uma infeliz "conhecida/amiga" que vem encher o saco. Quando é necessário, nada. Ninguém.

Acabamos o último gole de café. Ele queria voltar para o carro. Pedi então que déssemos um passeio a pé, pois estava cansado de dirigir. Ele concordou e suspirei de alívio, pensando que no caminho pudesse encontrar alguém. Novamente ninguém. Ele parecia estar longe de tudo. Falava de sua profissão com orgulho e me lembrava a todo momento — depois de me agarrar na frente de casais que passavam — que queria me matar.

Já estávamos juntos há mais de três horas e eu não tinha como escapar. Foi quando ele ordenou: "Vamos para o carro". Relutei. Ele insistiu, eu cedi.

Apelei então para sua consciência profissional. Pode? Disse que tinha que ir ao jornal escrever uma matéria. Ele concordou. Chegando na porta das **Folhas**, coloquei o carro dentro do estacionamento tão rapidamente que não deu nem tempo para reclamações. O guarda da noite dormia. Ele mandou que colocasse o carro de volta na rua. Fiz tanto barulho que o homem acabou acordando. Pulei do carro, levando a chave. Entreguei-a ao manobrista e voltei decidido para o carro.

Resolvi inverter os papéis. Expliquei ao cara que ali era meu pedaço e que ele não tentasse nada. Assim as coisas terminariam bem. Emburrado, resolveu ceder. Um pouco. Pediu para tomar café. No bar mandou que eu tirasse minha jaqueta. Eu nem perguntei pra que. Dei a jaqueta e depois de revistá-la devolveu-me todo dinheiro que estava no bolso. Tinha mais de três mil. Paguei o café. E enquanto caminhava para a porta do jornal ele me abraçou e disse:

— Não estou roubando sua jaqueta. Nem vou te matar agora. Quero que prometa que irá me encontrar depois de amanhã na porta do Cine Barão. Estarei vestido de preto com sua jaqueta nas costas. Sei onde você trabalha, se não aparecer, já viu.

Concordei mais que depressa e entrei no pátio do jornal, aguardando o tiro pelas costas. Aquelas coisas cinematográficas. Não aconteceu nada.

Subi voando para a redação, telefonei para a segurança da empresa e avisei que tinha sido assaltado. Descrevi o menino de maneira errada, pois se o prendessem em menos de um mês estaria nas ruas e pronto para me matar. Não sou louco, nem nada!

Em menos de dois minutos a rua estava coalhada de agentes especiais e da redação pude ver o menino se afastar vagarosamente do edifício.

Passei um mês morrendo de medo de reencontrá-lo.

Se eu fui ao encontro? Engraçadinhos...

(Este episódio aconteceu comigo, Celso Curi, em agosto de 1975. Naquela época eu ainda não escrevia a Coluna do Meio, usava longa barba e estava sem brinco).

No Vale do Paraíba, a caça às bruxas-bichas

Em junho de 1976, Guaratinguetá, Lorena, Pindamonhangaba e outras cidades do Vale do Paraíba foram abaladas pelo noticiário de alguns crimes que se misturaram a boatos, protestos, sensacionalismo e cartas anônimas circulando indiscriminadamente à cata das bruxas-bichas.

Tudo começou com o suicídio de um jovem arquiteto de 26 anos em Guaratinguetá. Ele se chamava Antônio. Coincidentemente, conheci-o, ainda garotinho, quando eu estudava em Aparecida. Anos mais tarde, reencontrei-o em São Paulo: o menino magrela desabrochara num dos adolescentes mais belos que já conheci, de olhos inapelavelmente tristes e lábios ternissimos. Eu o revi passageiramente, em diversas outras ocasiões. Da última vez, encontrei-o com seu amante e fiquei sabendo que exagerara nas drogas e estava se tratando com um psiquiatra que buscava "curá-lo" da homossexualidade, insistindo para que ele voltasse a se relacionar com uma antiga noiva ou namorada. De fato, Antônio parecia a sombra borrada daquela beleza triste e reluzente que eu conhecera anos antes: tinha deixado crescer um bigode fino na cara cruelmente ressequida e permanecia num canto, respondendo apenas monossílabos inteligíveis, arredio, quase envergonhado. Adorava ficar se olhando nos espelhos e martelar interminavelmente o piano. Soube que ele falava em suicídio, com muita freqüência. O psiquiatra, pago pela família, chorava ao ouvir as histórias de Antônio.

Em maio de 1976, ele se suicidou com um tiro no peito, em casa dos pais. Preparou-se de tal modo que ninguém tocasse nele, depois de morto: tomou banho, enrolou gaze com algodão no peito, vestiu um terno novo e deu o tiro. Tivera, inclusive, o cuidado de aplicar-se uma injeção de coagulante, para evitar que seu sangue manchasse a roupa. Escreveu cartas. Para os pais, deixou um papel em branco.

A morte de Antônio foi o estopim para boatos criados por um jornalista local que conhecia sua vida homossexual e começou a explorar livremente o fato; por exemplo, noticiou que, além de morrer com as "partes íntimas depiladas", Antônio deixara uma carta pedindo para ser enterrado com a boca pintada de batom azul, o rosto bem maquilado e com uma sumaríssima tanga.

Mas a coisa não parou por aí. Menos de duas semanas após o suicídio, aparecia nas águas do rio Paraíba um cadáver já em putrefação, de um jovem de uns 25 anos, não identificado; havia nele um detalhe curioso: os pêlos púberes tinham sido raspados. Não foram constatados sinais de violência; tratava-se de morte por afogamento, segundo o laudo médico. Alguns dias depois, um outro cadáver aparecia boiando, desta vez nas águas de um córrego afluente do Paraíba. Também nu, o cadáver foi entretanto facilmente identificado: tratava-se de Wanderley, uma jovem bicha de 18 anos, conhecida no folclore da cidade como Vandeca, sem ser travesti. Trazia ambos os sapatos fortemente amarrados nos braços. Apesar de se tratar de um exímio nadador, ainda outra vez se constatava morte por afogamento. Os três casos foram imediatamente, associados e viraram assunto da cidade e da região. Aos poucos, correram boatos de que mais de 13 cadáveres de homossexuais teriam aparecido em circustâncias também misteriosas. Daí, foi um pulinho para a explicação encontrada: haveria na região um Esquadrão especializado em matar bichas. Ora, no interior usa-se hortelã como vermífugo intestinal; então o esquadrão passou, naturalmente, a se chamar "Esquadrão Hortelã", num humor negro bem típico das fechadíssimas sociedades provincianas.

O jornalista — José Aparecido dos Santos — que iniciara a série de ilações, aproveitou os boatos. Como era correspondente de um jornal da capital, levou a "notícia" a um destaque amplo, dentro da imprensa marrom. A primeira página de um jornal paulistano estampava a manchete enorme: MATANÇA DOS HOMOSSEXUAIS. Outros jornais mandaram repórteres para a região, começando a lançar hipóteses ou tirar conclusões inferidas a partir de boatos. Apesar da opinião contrária da polícia de Guaratinguetá, um jornal noticiou que os três casos estaria realmente relacionados: o próprio Antônio cometera suicídio porque fora ameaçado pelo mesmo Esquadrão que estava fazendo outras vítimas. O Esquadrão, segundo diziam, era composto por dois homens que apareciam mascarados nos lugares freqüentados pelas bichas e daí levavam-nas para a morte. Segundo outros, era certo que o cadáver não identificado seria de um homossexual — porque trazia "as partes íntimas depiladas, a exemplo do que fazem os homossexuais passivos" (sic). Outra conclusão: as mortes resultariam de uma guerra entre grupos de homossexuais rivais de Guaratinguetá e Lorena (supunha-se que o cadáver não identificado seria o de um cabeleireiro chamado Beny, que circulava entre as duas cidades). Finalmente, "descobriu-se" que os homossexuais ligados a Wanderley (o terceiro morto) eram especialmente depravados: faziam verdadeiras orgias num colégio, inclusive, utilizando drogas: numa dessas festinhas, teria havido um desentendimento, por ciúme criado "entre os homossexuais passivos", como dizia um jornal, daí resultando o(s) morto(s). Nas vísceras de Wanderley não se constatou qualquer vestígio de tóxicos.

Com isso, bichas conhecidas ou não começaram a ser citadas e até investigadas pela polícia; o meio homossexual da região se viu vasculhado, pois como dizia o delegado Albino Rodrigues, "somos bastante rigorosos com eles". Parece, entretanto, que o assunto morreu cedo, em parte graças às providências tomadas por famílias envolvidas; em Guaratinguetá, uma comissão de poderosos foi até o Prefeito e pediu a cabeça do jornalista "culpado" dos boatos — sobretudo para defender a memória do jovem Antônio. O próprio delegado asseverava que Antônio não era senão um rapaz arredio e tímido, que vivia sozinho, "com problemas de caráter psíquico"; mas homossexual, não!

Disso tudo sobra, sem dúvida, um precedente perigoso: estava criada a idéia de um Esquadrão para matar bichas. A invenção maquiavélica repercutiu imediatamente na vida dos homossexuais da região; a fantasia, brotada no inconsciente coletivo machista, tornava-se de algum modo realidade: os "pacatos" cidadãos interioranos gostaram da história e começaram a mandar cartas anônimas aos viados locais — a gozação passava, automaticamente, para a ameaça. Criou-se um clima de terror. Sabe-se de bichas que começaram a abandonar suas cidades.

Das três mortes, parece que nada mais se inferiu. O assunto morreu aí. Alguns jornais com certeza venderam mais, nesse período. Quanto ao infeliz Antônio, sofreu manipulações mesmo depois de morto: primeiro, vestiram-no de tanga e pintaram-no com batom azul; depois, mediante o poder local, recuperaram-no para o panteão da boa família brasileira. Como dizia um jornal, a notícia não passara de uma piada de mau gosto. Todos lavaram as mãos na mesma bacia. (**João Silvério Trevisan**)

Nos jornais, um eterno suspeito: o homossexual

Numa recente série de reportagens em torno de crimes praticados por homossexuais, o jornal paulista Notícias Populares dá a entender que a polícia estaria sendo negligente quanto à perseguição dos criminosos. Isto é, ao denunciar o que seria uma "omissão das autoridades, o jornal pretende cobrar uma atitude (ou, no mínimo, uma posição), senão das próprias autoridades, do povo em geral. Como quem diz: já que a polícia não toma providências...

Este pretenso "papel fiscalizador" é apenas um dos aspectos (talvez o mais grave) que configuram uma verdadeira "campanha" anti-homossexual por parte da imprensa marrom. Mesmo que tal "campanha" não seja uma cruzada moralista consciente e não passe de uma fábrica de manchetes vendáveis, ela é real na medida em que produz seus reflexos sobre determinada faixa da opinião pública.

Temos aqui dois tipos de acusação: uma, generalizada, que reveste o próprio termo "homossexual" em toda notícia veiculada por essa imprensa: como se estivesse implícita a acepção de "culpado" ou, pelo menos, "suspeito". E outra, específica, reclamando a ação das autoridades, que não estaria sendo suficientemente repressiva.

A segunda acusação é mais sutil. Pode ser até que estejamos dimensionando exageradamente seu alcance e suas conseqüências. Mas ela suscita uma indagação inquietante: se a imprensa marrom veicula uma mentalidade discriminatória, será que as autoridades não participam dessa ideologia? Por outras palavras, seria a polícia mais "severa" quando o homossexual é o acusado e mais "tolerante" quando se trata da vítima? Ou, ao contrário, ela faz vista grossa às queixas contra homossexuais, como insinua a reportagem?

"A polícia é isenta, pelo menos em São Paulo." Esta é a opinião de Percival de Souza, um dos mais conceituados repórteres policiais paulistas (atualmente no Jornal da Tarde, do "Estadão"). Percival refere-se aos distritos policiais de maneira geral e, em particular, à Divisão de Crimes Contra a Pessoa (antiga Delegacia de Homicídios) do DEIC Departamento Estadual de Investigações Criminais). Diz ele que, dos seis homicídios diários que ocorrem em São Paulo, 45% são casos insolúveis. A preocupação do setor é científica — solucionar o maior número desses casos — e não caberia qualquer tipo de prevenção ou omissão naqueles em que há homossexuais envolvidos, sejam eles acusados ou vítimas.

Na edição de segunda-feira, 11 de setembro, a Folha de S. Paulo publicou matéria assinada por, Ari Moraes, da reportagem policial, a propósito de homicídios em que a vítima é homossexual. Ari também cita como fonte a Divisão de Homicídios — como é mais conhecida a DCCP, já que só os homicídios dão pano pra manga. No artigo, Ari expõe as alegações dos policiais daquele setor, dizendo que os assassinatos de homossexuais são geralmente insolúveis, porque "tudo concorre para dificultar as investigações. Não só a vida das vítimas é irregular, contando em suas relações com dezenas de amigos que preferem ficar no anonimato, como elas próprias, comumente, sempre mantiveram segredo a respeito de seus hábitos." Um dos investigadores, entrevistado, relata vários casos "iguais", isto é, as circunstâncias parecem levar ao mesmo beco sem saída — a "dupla identidade" da vítima e o "mistério" em torno de suas relações: "Marginalizado — explica o policial — o homossexual esconde-se da opinião pública e vive uma vida onde tenta imitar o dia-a-dia do homem comum. Trabalha em lojas e em empresas diversas e só à noite procura amigos e tem aquilo que se pode chamar de vida privada. Alguns procuram companhia ao acaso, nas ruas, já que nas grandes cidades as pessoas não precisam se conhecer para passarem algumas horas juntas, bebendo e discutindo sobre um assunto de interesse comum. Esse tipo de relacionamento pode significar morte, conclui o policial: Há jovens desocupados, que vivem unicamente explorando e roubando homossexuais."

Assim como Percival de Souza, Ari Moraes foi contactado por LAMPIÃO e consultado sobre o problema. Ari esclarece que fez a matéria por curiosidade, ao constatar que havia vários casos sem solução. E sua opinião coincide com a de Percival: os investigadores da Divisão de Homicídios são íntegros, e para eles só interessa determinar se o indivíduo era homossexual porque nesses casos o relacionamento pessoal da vítima é "misterioso" e isso vai influir na orientação das investigações. E o repórter da Folha calcula que em 90% de tais homicídios o homossexual é vítima. O contrário constituiria os raros casos de crime passional onde o homossexual chega a matar.

Por que, então, a repressão? Ari não acredita que haja uma repressão discriminada. E fecha com Percival de Souza, segundo o qual as eventuais repressões diretas da parte da polícia contra homossexuais são resultado das pressões sociais que ela própria recebe ("repressões", na acepção da palavra): se moradores ou comerciantes de determinadas áreas começam a dirigir queixas e abaixo-assinados contra as "bichas" ou as "putas da rua", a polícia se vê na obrigação de agir. E se o faz, alguém sempre se julgará prejudicado. Conta Percival que o ex-Secretário de Segurança Pública de São Paulo, coronel Erasmo Dias (atualmente candidato a deputado federal pela Arena) recebeu certa vez uma carta de um advogado acusando-o de "protetor dos homossexuais", apenas porque uma batida policial contra as prostitutas da "Boca" havia poupado as bichas da área.

E as violências policiais? Seriam elas puramente arbitrárias e acidentais? Percival acredita que sim, e que elas são indiscriminadas, isto é, não existe nenhuma ação organizada especificamente contra os homossexuais: o que existe é o clima de chacota, o preconceito generalizado. Em última análise, as autoridades não seriam coniventes, mesmo no caso de crimes praticados contra homossexuais. Ocorre que também esses podem ser arquivados como insolúveis, o que geralmente acontece. Como o caso do "caçador de homossexuais" que, há mais ou menos sete anos, fez no mínimo quatro vítimas na área da Praça da República, onde circulava com uma Mercedes.

Ambos os repórteres foram ouvidos, ainda, a propósito do caso de Delmiro Gonçalves, idade superior aos 40, redator de arte do jornal O Estado de S. Paulo (colaborava no Suplemento Literário e no Suplemento Feminino), ex-ator amador — encontrado morto, quatro anos atrás, no seu apartamento na Rua Maria Paula, no centro da cidade, onde morava só. Delmiro, cuja compleição era pouco robusta, recebera golpes na cabeça, estava amordaçado e asfixiado, ou fora estrangulado. Teria havido roubo, mas nada de vulto: o assassino levara algum dinheiro, talvez objetos pessoais, e roupas, que trocara pelas suas, velhas e rasgadas, deixadas no local. Quadros de valor e outros objetos de arte não foram tocados. Em suma: um "pé-de-chinelo", encontrado na rua e levado para casa. De concreto, apenas esse fato: Delmiro era homossexual e variava constantemente de parceiros (de preferência negros, que procurava em fliperamas — segundo uma versão). Consta ainda que ele não admitia sua homossexualidade no círculo profissional. Levava aquela vida dissimulada de que fala Ari Moraes em sua matéria. Além disso — ou em conseqüência disso — bebia muito (embebedava-se após o expediente diário) e, na rua, apanhava quem encontrasse. A lista de "suspeitos", portanto, era interminável. Por outro lado, quem eram seus amigos? Aqueles da mesma faixa de idade, posição social e situação profissional? Esses nada sabiam da vida particular de Delmiro ou, se sabiam, preferiram não se envolver. Até aqui, o caso se confunde com muitos outros pertencentes ao cotidiano das grandes cidades. Mas ele é significativo por dois detalhes: 1) a polícia empenhou-se em desvendar o crime, segundo Percival de Souza, com especial atenção, mas, por falta de provas e pistas, foi ele arquivado como insolúvel. 2) o caso não transpirou pela imprensa e permaneceu abafado.

Quanto à ação da polícia — que inclusive compareceu à redação do jornal, onde tratou o assunto com o maior respeito e cuidado — nada a acrescentar. Quanto ao sigilo em torno do fato, Percival o atribui à solidariedade dos colegas, em consideração à memória da vítima — a mesma solidariedade que faria todos os jornalistas estrilarem se o caso fosse semelhante ao de Vlado Herzog. E, por analogia, aquela solidariedade de classe pela qual os médicos ou os policiais acobertam os crimes de seus colegas.

O caso em si é típico. Diante de situações semelhantes, a pergunta: "por que alguns casos são abafados e os outros noticiados com sensacionalismo?" Encontra sua resposta nas palavras de Ari Moraes: quando há pressões familiares, ou tráfico de influências, o caso é abafado. Se a vítima pertence à classe média para baixa e não há interesses de terceiros em jogo... vira "pratinho" da imprensa. E quanto a esta, Ari faz a devida distinção: a "popularesca", que tem interesse em destacar a homossexualidade de vítimas ou autores, não por discriminação, mas porque explora tudo que seja atrativo à curiosidade de seu público. E a imprensa "sóbria", cujos profissionais se pautam por uma "ética" diferente e acabam, inclusive, caindo no que Ari chama de "preconceito às avessas", isto é, omitem sistematicamente as referências à "qualificação" do sujeito, seja ele "ladrão", "traficante", "assassino" ou.... homossexual" — como se o problema se restringisse ao fato de se ocultar ou denunciar a homossexualidade em si mesma. Tanto é que, em sua matéria, Ari mencionava os nomes das vítimas e o jornal só publicou as iniciais.

Seja como for, o caso de Delmiro torna-se um termômetro. Trata-se da antitese do que aconteceria normalmente, pois foi preservado do escândalo-de-rotina que fatalmente o cercaria se caísse no domínio da imprensa marrom. De forma que, face à "insolubilidade" dos casos, ficamos sempre no círculo vicioso — conseqüências gerando conseqüências — e, se não isolamos as causas, é porque estas são inerentes à estrutura obsoleta da própria sociedade. (*Glauco Mattoso*)

Um casamento banhado em sangue

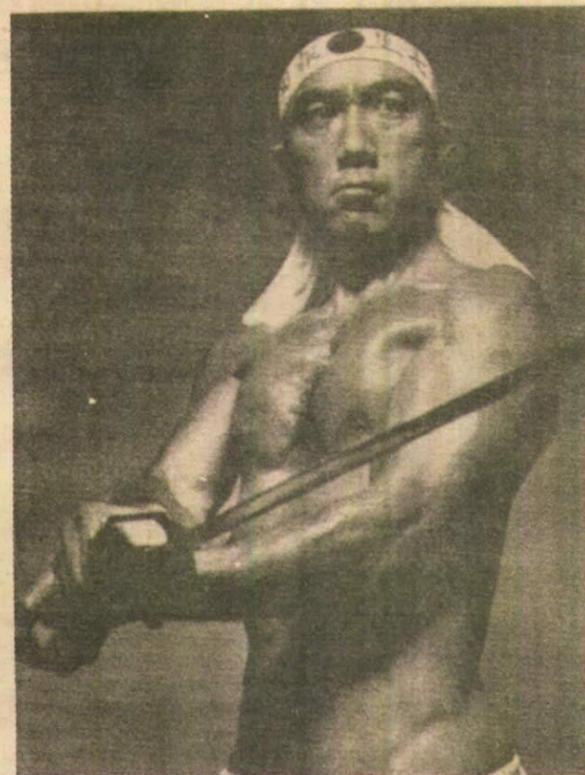
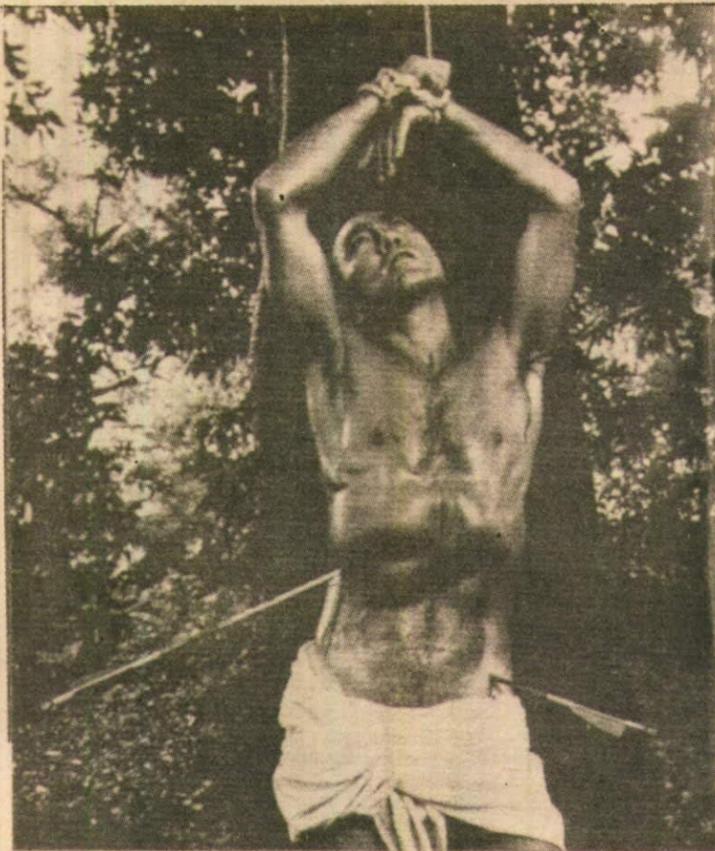
Ele teve a primeira ereção aos seis anos de idade, vendo desfilar diante da casa de sua avó, num subúrbio de Tóquio, um pelotão de recrutas. Sua primeira ejaculação aconteceu no início da adolescência, enquanto admirava intensamente uma reprodução do quadro Martírio de São Sebastião, pintado por um renascentista italiano. Aos 45 anos, em novembro de 1970, matava-se praticando o haraquiri (tendo a cabeça decepada pelo discípulo preferido) no quartel-general de uma divisão do Exército japonês, envergando uma elegante e apertada farda desenhada por ele mesmo.

Esses foram os momentos cruciais da vida de Yukio Mishima, que entrou para a história do Japão de pós-guerra envolto numa aura de maldição e violência. Controvertido e ambíguo, dilacerado entre a tradição de heroismo dos samurais e uma urgente necessidade de realização pessoal, Mishima é o próprio símbolo do Japão moderno, dividido entre o arcaico e o moderno, o religioso e o profano, o Oriente e o Ocidente. Se tivesse nascido na França, seria um existencialista e toda a sua *angst* teria sido gasta nas discussões de bar, no consumo de cigarros fortes, café e conhaque; talvez nunca tivesse passado mesmo de uma ficção emoldurada nas páginas de Sartre. Como foi japonês, cumpriu seu destino na prática: seus sonhos de sangue, sacrifício, humilhação e glória ele transformou no grande e derradeiro espetáculo de sua vida. Excitavam-no os cheiros do couro das botas e do metal das armas dos soldados. Excitava-o ainda mais o odor úmido, "de pântano", que afirmava exalarem os corpos masculinos adolescentes. Para que o discípulo preferido completasse sua morte ele ajoelhou-se e arrancou as vísceras do interior do corpo, fazendo-as escorregar para o chão do quartel. Com um só golpe — último ato de amor — Masakatsu Morita, o discípulo, cortou-lhe a cabeça, que rola pelo tapete do gabinete do General Mashita.

Duas fotos de Yukio Mishima: a de São Sebastião foi tirada em 1966. Na outra, ele se veste como um samurai

O cheiro de sangue inundou Tóquio. "Era 25 de novembro de 1970... as nuvens cinzentas, carregadas de poluição do céu de Tóquio prenunciavam o início do inverno", relata uma nissei de São Paulo, Yuriya Okamoto, que se encontrava no Japão. "Saindo do alojamento para ir à universidade, onde teria uma supervisão na cadeira de Psicologia Infantil, eis que, olhando para o alto, sinto no ar um cheiro de sangue e morte. Vai acontecer algo de muito grave, pensei comigo, se já não está acontecendo. Antes mesmo de completar o pensamento ouço vozes em tom alterado e vejo que as pessoas começam a correr pelas ruas em busca de um aparelho de televisão. Os comentários são sobre um louco que ia se matar. Numa esquina dou com uma pequena multidão, os olhos fixos na TV, ligada no volume máximo. Qual não foi a minha surpresa quando deparei com a figura de Mishima, de quem já lera um romance, falando da sacada de um quartel sobre o futuro do Japão, fazendo acusações ao governo, ao povo, culpando todos pela inércia reinante e à americanização do país. Com espanto, ouço Mishima anunciar sua morte. Segundos depois, fecha-se uma porta e, na tela, apenas a sacada vazia, logo substituída por um comercial."

"Passaram-se alguns minutos. A imagem projetada a seguir jamais poderia se apagar da minha lembrança. Senti meu rosto em brasa e algumas lágrimas começaram a correr. Todos os espectadores engoliam em seco como eu. Aquela cena não fazia parte de nenhum filme, novela ou script: a cabeça no chão, os olhos fixos, sangue jorrando nas paredes cinzentas e frias. O que mais me impressionou foi o fato de que o indivíduo que cortara a cabeça de Mishima também teve a sua decepada por um terceiro elemento, que no momento em que tentava suicidar-se foi impedido."

O que aconteceu naquele dia foi um *shinju* (duplo suicídio de amantes), organizado com grande antecedência e com os requintes que só Mishima poderia imaginar. Segundo quase todos os que conheciam os personagens do drama, Mishima e Morita tinham selado há muito tempo um pacto secreto para a realização de uma morte gloriosa e envolta em teorias políticas radicais de direita; esperaram somente que Mishima terminasse o último volume de sua monumental e ambiciosa tetralogia "O Mar da Fertilidade". Em 25 de novembro o escritor entregou aos editores a última parte dos originais do quarto livro da série e, horas depois, praticava o haraquiri. Henry Scott Stokes, jornalista inglês, chefe do escritório do "Financial Times" em Tóquio, acompanhou os últimos anos da vida de Mishima e tornou-se seu amigo. Em 1974 ele publicou "Vida e Morte de Yukio Mishima", relatando em detalhes todos os antecedentes da tragédia. De sua pesquisa no círculo de relações do escritor saiu com a convicção de que houve, de fato, uma duplo suicídio por amor.

"Eros e Sangue sempre tiveram uma ligação íntima na literatura de Mishima, e seu grande sonho deve ter sido conseguir na realidade essa combinação ideal. Embora Mishima e Morita tenham tido todo o cuidado de destruir a correspondência e os diários que poderiam nos conferir tal teoria, a pessoa com quem Mishima morreu, por quem foi morto, só podia ter sido seu amante."

Mas as especulações não poderiam ficar apenas nesse terreno, depois da invasão de um quartel por um bando armado. Yukio Mishima tinha formado há cerca de dois anos um exército particular, o Tatenokai, com um grupo de jovens de ultra-direita; o escritor realizou intensos treinamentos e manobras com seus "soldados", acampando inclusive em área militar, em 1969, no Monte Fuji. A base da filosofia do Tatenokai era a luta para fazer o Japão voltar à sua pureza inicial, sob a ágide do Imperador. Um fanático? Um louco? Um patriota? Todos faziam muitas perguntas. Junro Fukashiro publicou em 1971 um artigo intitulado "Post-Mortem", que resumia as teorias populares sobre os motivos de Mishima: "A teoria da insanidade, que não precisa de maiores explicações; a teoria estética, segundo a qual a beleza procurada por Mishima em sua literatura só poderia ser completada com um gesto dramático de suicídio; a teoria do talento exaurido, que sugere um Mishima que escreveu tudo o que tinha a dizer em quase 30 anos de atividade e que nada mais via à sua frente a não ser desespero; a teoria do suicídio por amor, de um homossexual que se mata com o amante na esperança de realizar com isso um definitivo ato erótico; e finalmente a teoria do patriotismo, postulando que Mishima procurou incitar os soldados japoneses a darem um golpe de estado e realizar assim o seu ideal do Japão como uma nação-estado unida sob o Imperador."

Todas essas especulações são, na verdade, mosaicos de um grande painel que ilustra a vida do escritor. Mas o consenso é geral quanto a que o homossexualismo foi o ingrediente mais forte e definitivo do drama. "Depois dos suicídios — escreve Scott-Stokes — duas pessoas que tinham conhecido Mishima pessoalmente deram-me declarações que apoiavam a idéia de que tinha sido um *shinju*. Um deles, alto funcionário da polícia, contou-me que, logo após o incidente, tinha sido chamado por um político conservador que queria saber tudo sobre as relações de Mishima com Morita. Desde que eu não citasse seu nome, disse-me, daria quaisquer informações, pois fora um dos poucos que pudera compulsar todo o dossiê sobre o caso. Na sua opinião, Mishima e Morita eram provavelmente amantes."

"Meu outro informante foi um tipo de pessoa bem diferente — uma mulher que tinha conhecido Mishima intimamente, uma elegante e requintada promotora das artes casada com importante político japonês. Anos atrás Mishima propusera-lhe casamento, contou-me ela. E afirmou: "Mishima estava profundamente apaixonado por Morita e foi este quem colocou na cabeça do escritor a idéia do duplo suicídio."

Em 1969, no campo de treinamento do Monte Fuji, Scott-Stokes acompanhou por três dias os futuros suicidas. Morita disse-lhe então que só podia compreender o ideal do Imperador através de Mishima, que estava relacionado misticamente à figura imperial. Tal declaração não deixa dúvidas quanto ao amor do discípulo pelo guia, pois num ensaio sobre o heroísmo de um samurai que se matara pelo Imperador, Mishima afirmou que o amor só era possível sob a proteção do Imperador. "**A** pode amar **B** e **B** pode amar **A**, mas seu relacionamento só terá significado com a presença do Imperador." Ele comparou a situação a um triângulo, no qual o Imperador seria o ápice e os amantes os dois ângulos enferiores.

Onde buscar a raiz de tais sentimentos? Sabe-se que, entre os samurais, a prática do homossexualismo era tão natural como a da coragem, e que muitos deles viviam como casos. Mas só isso bastaria para levar dois amantes modernos ao gesto definitivo? Claro que não, foram todos os elementos da vida de Mishima que o empurraram para uma morte "heróica". Criado por uma avó autoritária e devoradora, o futuro escritor passou grande parte da infância sofrendo de todo tipo de doença. Quando os pais conseguiram arrancá-lo da tirania avoenga, Mishima era um adolescente fraco e assustado. Aos poucos, porém, ele foi vencendo seus temores e, na Universidade, onde iniciou o curso de Direito, já discutia política e literatura, publicando seus contos e poemas no jornal da escola. Seu primeiro livro, "Confissões de uma Máscara" — traduzido no Brasil — tornou-o famoso. Desde então, sua ambição, narcisismo, exibicionismo e audácia não pararam de crescer. Para compensar a estatura média, tornou-se halterofilistâ. Foi noivo de uma herdeira e campeã de tênis, que rompeu com ele para namorar o filho do Imperador. Casou-se e teve dois filhos. Mandou construir uma enorme casa em estilo ocidental num dos subúrbios elegantes de Tóquio. Gostava de viajar — esteve duas vezes nos Estados Unidos, fez a volta ao mundo (quando conheceu o Brasil, em 1952), e passou alguns meses na Índia e na Tailândia, pesquisando o budismo e o induismo. Gostava da boa comida e da boa bebida. Recebia como um príncipe — o último ocidental a estar com ele foi Tenessee Williams. Amava a vida, enfim. Mas se matou assim mesmo, porque amava também o sangue e a morte.

Todos os seus livros são relacionados, basicamente, com esse seu amor pela vida e pela morte. Os romances que compõem "O Mar da Fertilidade", tratam da vinda ao mundo, em cinco reencarnações consecutivas, de um anjo, ou deus budista, sempre no corpo de um ser jovem e de infinita beleza, que faz sofrer de amor todos em volta. Nessa série de grande força estilística, mas de difícil leitura, a linha de pensamento contante é a do elogio da juventude e do horror ao envelhecimento. Aliás, todos os seus livros anteriores mantêm o mesmo diapasão perverso e cruel. Em "Forbidden Colours" o mundo homossexual de Tóquio é praticamente arrasado por um rapaz de 20 anos que, com sua beleza, vai espalhando o desespero e a desesperança. Homens ou mulheres, ninguém consegue ficar indiferente à diabólica e cruel beldade. Teria sido essa carreira sonhada por Mishima? "Quero fazer da minha vida um poema", disse ele em algum lugar. Se não conseguiu fazer com que o amassem, pelo menos ficou famoso e semeou o escândalo. Seu romance "Depois do Banquete" (traduzido no Brasil) retratou impiedosamente, a vida de uma cortesã de Tóquio e de alguns políticos corruptos, que se reconheceram no livro e o processaram por isso. Mas morreu considerado por todos como um dos maiores prosadores japoneses da atualidade, tendo sido cogitado duas vezes para o Prêmio Nobel. É possível que, na sua desmedida ambição, tenha decidido se matar no auge da fama. Misturou a isso os instintos mais obscuros que dormitavam como uma fera em suas entranhas. Reconhecendo-se como o demônio de si mesmo, porque amava a crueldade e a violência, resolveu se sacrificar, carregando junto o ser amado. Foi o momento da síntese para Yukio Mishima, a realização do seu maior sonho de violência — a autodestruição — e um gesto de amor. Iniciou a própria morte e deixou que o amante a terminasse, num casamento definitivo e eterno, mas banhado em sangue.

Francisco Bittencourt
LAMPIÃO da Esquina

Bixórdia

Florianópolis e o vampiro art-decô

Um não muito jovem pintor de Florianópolis estava outra noite no bar Lananeide envergando sobranceiro sua enorme capa de veludo preto (que na verdade é um poncho) e revirando os olhos. Passa uma patrulhinha da PM catarinense em marcha lenta. Acelerado, o pintor art-decô dá adeusinhos e aceninhos aos guardas, num alegre convite a um drinque. Marcha à ré da patrulhinha: "O que o senhor deseja?", quer saber um dos policiais. Resultado: meia-hora de explicações, com o vampiro rodando a capa, cheio de uis e ais. Disso tudo ficou uma lição para o grupo carioca que acompanhava o indigitado homem do art-decô: em Florianópolis, mesmo em noites de sufoco, não convém ficar dando adeuzinho a policiais.

E por falar em MPE (Música Popular Entendida, vide a entrevista de Lecy Brandão neste número), um leitor muito atento, Carlos Santos, do Rio, resolveu pesquisar por conta própria e nos mandou de presente um roteiro de músicas que serviriam para compor uma espécie de paradão — LAMPIÃO'S Power Discotheque, ou coisa que tal — especializado. Uma sugestão: procurem gravar essas músicas numa fita, e curtam, uma após outra, estas jóias do cancioneiro entendido: Jura Secreta (Sueli Costa/Abel Silva) — Simone; Ombro Amigo (Lecy Brandão) — a própria; Outra Vez (Isolda) — Roberto Carlos; Romina e Juliano (Taiguara) — Taiguara; As Moças (Paulinho Soares/Paulo César Pinheiro) — Beth Carvalho; Da Maior Importância (Caetano Veloso) — Gal Costa; Sombra Amiga (Sueli Costa/Tite de Lemos) — Sueli Costa; Pai e Mãe (Gilberto Gil) — Gil; Conflito (Petrúcio Maia/Climério) — Fagner; As Pessoas e Eles (Lecy Brandão) — Lecy; Não Tem Solução (Dorival Caymmi/Carlos Guinle) — Taiguara.

Vinte e sete pessoas que nos mandaram pedir pelo reembolso postal os livros de Caio Fernando Abreu agora nos mandam cartas desaforadas porque não receberam a encomenda. Mil perdões, senhores, mas cometemos, em relação àquele escritor, um terrível engano ao incluí-lo na lista de escritores **estranhos;** *a* **estranheza** *de Caio é diferente da nossa, ele tende mais para o outro lado da vida, o lado* **pop** *(atenção, queridos, caprichem na pronúncia: o som deve ser igual ao que faz uma bola de sabão que explode e se esvai no ar).*

A bicha estava há horas no banheiro dos homens. Quieta, muda. Quando o primeiro homem entrou, ela agarrou uma vassoura e começou a varrer. Era a deixa para o seu lindo texto, devidamente recitado, em tom suspiroso: "Meu amorzinho, espera um pouco que estou acabando de varrer o nosso lar e já-já serei sua!", ao que o bofe, espantado, deu no pé.

Aconteceu num prédio das Laranjeiras, no Rio. O rapaz dono do apartamento saiu para trabalhar e sua vizinha flagrou seu fiel acompanhante quando este, minutos depois, entrava em casa acompanhado de uma vistosa senhorita. A vizinha telefonou para o dono do apartamento, este veio correndo e deu o flagra. Tremendo escarcéu. O fiel acompanhante do rapaz traído foi devidamente expulso do lar-docelar, e teve toda a sua bagagem atirada no corredor. Em pânico, ele pediu ajuda, logo a quem? À ciosa vizinha que o denunciara, a qual, penalizada, resolveu abrigá-lo "provisoriamente" em seu lar. Pergunta que o dono do apartamento, enroscado em sua solidão, não hesitaria em responder: quem traiu quem nessa história toda?

A festa corria solta, batait son plein, como dizia Proust. De repente, uma criatura mais excitada com o ambiente artístico do festim deixa cair um canapé __ plom! __ (som de canapé caindo). Ao abaixar-se para recolher o acepipe, eis que apertados fundilhos da calça da criatura explodem. O dono da casa, pintor conhecido por costurar suas telas em vez de pintá-las, acorre solícito: "Deixa que eu costuro!". O ato é público e emocionante: an artist at work. *Terminados os trabalhos de corte e costura, o artista levanta-se de sua heróica posição de cócoras. "Pronto!", exclama, feliz. "Não esquece de assinar a obra, queridinho!", grita um maldoso do fundo da sala.*

Serviço de Utilidade Pública de LAMPIÃO: atenção frequentadores da Cinelândia, Central do Brasil e adjacências. Cuidado com um rapaz chamado Jorge Luís Pereira (é o seu verdadeiro nome), que se apresenta como cabo-fuzileiro (embora não o seja, às vezes anda até fardado) e morador em Bangu. Bancando o bom-moço, ele conquista as pessoas, passa a frequentar suas casas e, após algum tempo de "eterna amizade", desaparece com tudo o que encontra pela frente. O rapaz é ladrão pé-de-chinelo, leva coisinhas de pouco valor: rádio portátil, isqueiro, bolsa vazia, barbeador elétrico, etc... Mas, com seu gesto ingrato, já deixou dilacerados muitos corações.

Um dos **midnight cowboys** mais temidos da Cinelândia atualmente é conhecido pela insólita alcunha de Jorge **Mala-Fria;** dos muitos suadouros que praticou sabe-se de um engraçadíssimo, quando ele, após deixar pelado o rapaz com quem, minutos antes, partilhara um leite no Hostal Palace, olhou para os pés do infeliz e lhe disse: "vá tirando o tênis, que eu tou precisando de um par". Resposta salvadora do rapaz, após olhar os sapatos de Jorge: "mas os seus estão mais novos que os meus!" **Mala-Fria,** após um exame apurado, constatou que o rapaz falava a verdade, e foi embora, deixando-o nu, mas de sapatos.

Por falar em bicha, recebemos o seguinte bilhetinho: LAMPIÃO. Está ficando cada vez melhor! (**Até aí, pelo que nos toca, estamos emocionadas, queridiiinha!**). Para coletivo da palavra bicha, que tal BIXURME, obviamente oriundo de bicha + cardume? assinado do leitor assíduo, BIXUTA. "É isso: bixuta já se manifestou. E os (as) outros (as) não se manifestam? Até parece que nosso povo não acredita na força do coletivo de bicha! Ou não? O concurso está de pé: vale uma assinatura anual de LAMPIÃO para quem inventar o melhor coletivo para a **classe.**

Escolha o seu nome

É ponto pacífico que o termo bicha deixou de ser ofensa, para se tornar elogio. E se tornou tão comum dizer **bicha** a propósito — ou mesmo a despropósito — de tudo que já começam a surgir as variações. O filólogo do bar Acapulco e membro (!) do bando de LAMPIÃO, José Fernando Bastos, se encarregou de descobrir — ou inventar, que pra isso é que bicha é um animal cheio de imaginação — algumas variantes da **bichesse oblige.** A saber:

POLICHA — É a que ultrapassou os limites da tricha. Toma hormônios, já que seu grande sonho é virar Fafá de Belém.

BICHIC — É aquela que usa carteirão embaixo do braço, conversa sobre Ibrahim e Teresa Souza Campos como se fosse íntima deles, olha os outros com desprezo. De vez em quando uma é assassinada por um rapaz do interior de Minas que o porteiro viu subir no apartamento com ela.

BICHEQUE — É aquela que por qualquer coisa puxa um talão de cheques. Até para pagar um cafézinho. Diz que não tem carro porque odeia dirigir, nunca foi à Europa porque tem pavor de avião. Usa bolsa a tiracolo.

BICHENE — Fã de Marlene. Daí surge uma série de variações como a BICHY (fã do Cauby) BICHINHA (fã de Emilinha), BICHAL (do Sidney Magal) e a BICHATORRACA.

BICHÓPOLIS — É a que tem casa em Petrópolis ou Teresópolis mas mora mesmo em Nilópolis. Em São Paulo é a BICHAQUARUJÁ; em Salvador, a BICHITAPOÃ; em Belô, a BICHAMPULHA; e em Porto Alegre a BICHATRAMANDAÍ.

BICHOC — É a que não pode abrir a porta sem avisar antes, do contrário quem estiver fora cai duro com a feiura dela.

BICHARM — É aquela que fica no Sótão como se estivesse no Special; no Medieval como se estivesse no Hippopotamus; e no Holmes, de Salvador, como se estivesse no Regine's. Olha pra todo mundo e vai embora sozinha.

BICHADA — É a mal amada. Está sempre com problemas sentimentais. Já tentou o suicídio várias vezes: corta os pulsos e corre pro hospital, se atira do primeiro andar, toma comprimidos e vomita, essas coisas...

BICHWISSAIR — É a que voa. Geralmente usa Cartier americano, Gucci argentino e possui em casa trinta perfumes diferentes e, na geladeira, conservas de todas as partes do munto.

BICHEIRA — É a mineira. Não aquele pessoal maravilhoso da terra do Magalhães; mas aquelas que votam no Bonifácio, pertencem à TFP, namoram uma garota da terra e, aqui no Rio, soltam como se podem (com **p** mesmo).

BICHÃO — É o tipo macho, sapatão. Cospe pro lado, adora futebol, só fala em mulher. Bebe, transa todas. No outro dia, finge que não lembra.

BICHICLETA — É a atleta, que tem mania de correr de manhã cedo na praia e da polícia de noite. Todas elas tem o Cooper feito.

E por aí vai. Qualquer semelhança com pessoas colunáveis será mera coincidência: de bichas e contrabichas cada um tem um pouco. Ah, ia me esquecendo, tem mais uma; é a

BICHATA — É aquela que se enquadrou em algumas das variações aqui mas vai escrever pra cá falando mal do LAMPIÃO.

A hora e a vez dos Travoltas

Está havendo o maior ouriço, todos os dias, na porta do 266 West, por causa do anunciado concurso Dancing Gays. Muita gente querendo se inscrever, para alegria de Amadeu, mas faltava um regulamento, que a gente publica só agora. Atenção, Travoltas de todos os sexos:

1 — Poderá concorrer qualquer par, sem qualquer tipo de discriminação (homem com mulher, homem com homem, mulher com mulher e demais variações possíveis); apenas, por uma questão de ordem, proibe-se a presença de animais domésticos na pista. 2 — A inscrição só será possível mediante a apresentação do cupom que publicamos abaixo, e o pagamento da taxa de inscrição: míseros Cr$ 200,00; 3 — Os candidatos serão sorteados em grupos de dez pares para participar das eliminatórias; estas serão tantas quanto o número de pares inscritos divididos por dez; 4 — A primeira eliminatória será na primeira quarta-feira após o dia 15 de novembro; 5 — De cada eliminatória sairão dois pares para a semifinal; desta sairão os dez finalistas; 6 — Os classificados para a semifinal ganharão discos Odeon, Warner e CBS; 7 — Os finalistas ganharão assinaturas de LAMPIÃO, além de brindes que já estão começando a pintar; 8 — Na final, o par considerado vencedor receberá Cr$ 6.000,00; o segundo colocado, Cr$ 2.500,00, e o terceiro, Cr$ 1.500,00; 9 — O júri terá uma composição diferente em cada eliminatória, mas sempre formado por personalidades do mundo fonográfico, artistas e jornalistas; 10 — As inscrições podem ser feitas com Amadeu, na boate 266 West, no horário das 22 às 24 horas (Avenida N.S. de Copacabana, 266, galeria); 11 — O traje para os candidatos, na noite de apresentação, é discotheque, ou seja: zorra. (Adão Acosta)

Dancin' Gays!

Recorte o cupom abaixo, faça sua inscrição no concurso de danças DANCIN'GAYS na boate 266 West (Avenida Copacabana, 266, galeria), com Amadeu, no horário de 22h às 24h, prepare a coreografia e concorra a valiosos prêmios:

Nomes ....

e ....

Endereço ....

Telefone ....

Os inscritos devem aguardar a chamada. Cada dupla receberá um número e participará de uma eliminatória em data a ser marcada com a devida antecedência.

A música popular entendida de dona Lecy Brandão

"O sistema descobriu uma coisa: guei agora vende, dá bom lucro"

De três anos para cá, além de indiscutível substância artística, a compositora Leci Brandão ganhou também a fama de ser um dos porta-vozes musicais daquilo que ela mesma chama de "povo guei brasileiro". No LP "Coisas do Meu Pessoal", a música ligada ao tema era "Ombro Amigo"; no seguinte "Questão de Gosto", os homossexuais foram homenageados com "As Pessoas e Eles". Em seu novo disco, a sair em breve, intitulado "Metades", é ainda mais clara, ao responder, na letra de "Chantagem", aos que a criticaram por fazer músicas para Eles & Eles e Elas &Elas:. "Pensar que vou me incomodar/Só por dizer que vai contar/Por resolver que vai me estragar/Eu sei de mim e sei de mais/Saiba que as coisas **anormais**/Estão presentes no seu modo de pensar". Mas será que ela não se incomoda mesmo de falar e ser indagada, livremente, sobre um assunto ainda polêmico, participar de um debate tão novo enquanto discussão aberta? Mais: que tipo de elo é esse existente entre Brandão e as hostes guei: platônico, militante? Entrevistada por José Fernando Bastos, Antônio Chrysóstomo e pelo fotógrafo Maurício Domingues, ela acabou por entregar tudo, sem meias palavras. Nas duas páginas seguintes o leitor poderá sentir o peso da sinceridade dessa artista que não hesita em conversar abertamente sobre a sua tríplice — e nem sempre fácil — condição de mulher, negra e homossexual.

Lecy Brandão, com duas acompanhantes, na hora da verdade. José Fernando segura o microfone. Chrysóstomo escuta

Chrysóstomo — **Você foi a primeira mulher a integrar uma Ala dos Compositores de Escola de Samba, não é?**

Leci — É. Em 1971 eu já tinha amizade com alguns compositores da Mangueira. O Zé Branco — como diz o nome, um cara branco, branquinho, pois em samba não há separação entre negro e branco —, que conhecia um pouco o meu trabalho, teve a idéia de me levar pra lá. Fui com ele, tinha mais ou menos uns quarenta compositores reunidos, só homens. Levaram um susto, né?

José Fernando — **Como primeira mulher no meio da macharia você chegou a sofrer alguma discriminação?**

Leci — No princípio não foi um problema de discriminação, foi de surpresa. Porque eu, que não nasci nem fui criada no morro, querer me enturmar com eles, deu uma desconfiança, né? Ai o presidente da Ala, na época o José Brogogério, pediu que eu escrevesse uma carta, solicitando minha entrada oficial. Escrevi e disse que queria ir pra lá a fim de adquirir a cultura deles, saber o que era exatamente um partido-alto, um samba de roda, as estruturas melódicas, rimas e métricas.

Chrysótomo — **Você já compunha samba?**

Leci — Samba do meu jeito, sem o conhecimento específico que só se adquire num reduto de cultura popular como a Mangueira.

Maurício — **Demorou muito ser aceita?**

Leci — Fizeram um teste, um período de adaptação de mais ou menos um ano. Já em 72 eu desfilava com a Escola, primeira mulher a entrar na Avenida no meio dos compositores, com o emblema da Mangueira bordado no bolsinho do terno da Ala. Primeira mulher a envergar o terno da Ala dos Compositores.

Chrysóstomo — **Quer dizer que a Mangueira só ajudou a sua afirmação pessoal?**

Leci — Ajudou muito. Mas em 74, no concurso para escolha do samba-enredo para o carnaval de 75 eu fui discriminada, por ser mulher e também por não ser do morro. Eu concorria em pé de igualdade com os homens, meu samba era dado como vencedor, cantado por todo mundo. Chegou na hora, foi aquela história: "essa menina chegou ontem prá cá. Tá muito cedo, não vai ganhar". Não ganhei mesmo.

Chrysóstomo — **Já foram feitas acusações de que você teria se aproveitado da Ala dos Compositores da Mangueira para se lançar no mercado.**

Leci — As pessoas que falam isso não sabem de mim. Antes de ingressar na Ala eu já participava dos ensaios, era sócia efetiva da Escola. Desde menina freqüento a Mangueira, embora não tenha sido criada no morro. Minha família é de lá, minha avó foi da Ala das Baianas, minha mãe foi pastora. Tem muita gente boa por aí — Evaldo Gouveia e Jair Amorim, Luís Ayrão, vários deles — que viraram sambeiros depois que o Zuzuca faturou trezentos milhas com "Pega no Ganzê". Antes disso, antes mesmo do Lacerda (**N.R.: o ex-governador Carlos Lacerda**) fazer arquibancada e fechar o desfile pro povo, eu já assistia escola de samba no carnaval. Ia pra lá, pra beirada da calçada, segurar corda e levar beijo de cavalo da PM, borrachada dos homens, pra ver a Mangueira.

CHRYSÓSTOMO — **Mangueira à parte, quem foi que te deu força no início dos trabalhos?**

Leci — O Sérgio Cabral foi a primeira pessoa que, em 72/73, fez força para gravar, produzir disco comigo. Então o seu Jorge Coutinho, quando fala por aí que eu sou mau-caráter porque não gravo disco produzido por ele, está redondamente enganado. Quando eu me apresentava nas Noitadas de Samba do Teatro Opinão, produzidas por ele, já tinha um compromisso com o Sérgio Cabral. E quando tenho um compromisso com as pessoas costumo cumprir, mesmo que não esteja assinado. O Sérgio foi o meu primeiro produtor.

José Fernando —**Mas você aceitou o rótulo de sambista para ser lançada. É ou não é?**

Leci — (Indgnada e incisiva) Eu nunca usei a Mangueira pra me promover! Sou apenas fiel ao que a Escola me deu de bom

Chrysóstomo — **Vamos explicar essa coisa de ser ou não sambista de uma vez por todas?**

Leci — Os aproveitadores, fazedores de Sambas-enredos pra ganhar dinheiro, esses tipos de que já falei, nunca foram de qualquer Ala dos Compositores de qualquer escola, grande ou pequena. Eu, quando comecei a compor, procurei logo a minha escola, a Mangueira, para aprender. Depois de "Pega no Ganzê", depois que viram que samba-enredo faturava, eles começaram a confeccionar sambinha de refrão fácil, que cai bem no ouvido do povo e pode ser repetido nos bailes, nas ruas, fora do desfile. Isso empobreceu as Escolas. Quando se fazem mais sambas como "Chica da Silva", "Monteiro Lobato", "Casa e Senzala"? O negócio virou faturamento, entrou arrecadação, tutu grosso. Associação das Escolas de Samba no meio. Isso eu nunca fiz nem vou fazer. De outro lado, no meu primeiro disco você já encontra uma canção, na quarta-faixa, lado A, chamada "Pensando em Donga", em homenagem ao Donga, mas que não tem nada a ver com a estrutura tradicional do samba. Tinha um arranjo incrível do maestro Ivan Paulo que o senhor Tinhorão taxou de "coisa modernosa". Em compensação escreveu também que a letra podia ser assinada, sem susto, por Chico Buarque ou Aldir Blanc. Já viu a confusão do cara, né? Então eu já procurava me transformar, criar por mim mesma, mas sem negar as minhas origens mangueirenses. Não sou sambista (sambista é quem diz samba no pé, e eu não sou passista, tá entendido?). Sou compositora de música popular. E como compositora estou livre para fazer meus sambas, minhas canções, minhas letras líricas ou minhas reportagens sobre a realidade social, para criar o que quiser, sem rótulo de sambista nem bolereira.

José Fernado — **Suas influências quais são?**

Leci — Simples: Waldir Azevedo, Jacob do Bandolim, Carmen Costa, Jamelão, Ademilde Fonseca, Alaide Costa e Bienvenido Granda, aquele cubano bigodudo de quem meu pai, que era da Marinha, trouxe um disco pra casa, numa de suas viagens internacionais.

Chrysóstomo — **Num LP você gravou "Ombro Amigo", em outro "As Pessoas e Eles" , suas músicas dedicadas ao povo guei, seus problemas etc.. Falar de homossexual vende jornal e discos, populariza artistas. Com você, o que aconteceu?**

Leci — Eu não sei se vende ou populariza. No momento em que fiz essas músicas o registro era todo de sensibilidade, pureza, honestidade. As pessoas do meio em que eu vivo atualmente, pessoas gueis, me dizem muita coisa, para mim são pessoas importatíssimas. Compus pensando nesses amigos.

Chrysóstomo — **Deu certo, não foi?**

Leci — Minha gravadora morreu de medo do disco ser aberto, primeira faixa, lado, A, com "Ombro Amigo". Alegaram que tinha de abrir com um samba. No fundo tinham mesmo era medo da música, abertamente dedicada ao povo guei. Só que aconteceu exatamente o contrário: ninguém pixou, proibiu. Lancei o disco numa festança no Café Concerto Rival, cheio de gente da Mangueira, baianas tradicionais ao lado de travestis, pessoal do morro confraternizando com homossexuais da zona sul do Rio. Então, como deu certo, todo mundo diz "a Leci apelou".

Maurício — **A arte não é uma coisa etérea, sem sexo?**

Chrysóstomo — **Cruzes! Demorou mas a arte etérea baixou no LAMPIÃO!**

(Os companheiros da entrevista e dos entrevistadores promovem grande alarido em torno de sexo e arte etérea. Leci mantém a compostura de entrevistada)

Leci — Eu não pensei, "não, porque agora eu vou atingir as bichas". Foi uma coisa de amor, numa noite em que eu fiquei numa boate até o final e saí dali deprimida e no dia seguinte pintaram a letra e a música na minha cabeça.

Chrysóstomo — **O seu relacionamento com o homossexual, entendido, povo guei, como se**

— Quero continuar cantando todas as minhas preferências

queira chamar, é platônico ou participante?
Leci — Platônico e participante.
Chrysóstomo — **Em que sentido?**
Leci — Quer ver? Por exemplo, o fato de eu ser homossexual é uma coisa que não me incomoda, não me apavora, porque eu não devo nada a ninguém. As coisas todas que eu fiz foi com muito sacrifício, tudo que eu consegui veio através de uma batalha de muito tempo. Tenho dignidade, nunca fui venal, nunca paguei a ninguém para tocar os meus discos nas rádios. Esse é o meu lado participante. Se sou peito aberto com os outros porque não vou ser comigo mesma? E platônica eu sou, porque desde o momento em que conheci o lado guei, conheci pessoas maravilhosas, que me amam como eu sou, não por causa de fama, essas bobagens. A gente conversa, a gente é franco um com o outro, não precisa estar deturpando ou armando jogadas, nada disso. É por isso que eu transo o meu povo homossexual.
Chrysóstomo — **Sem problemas?**
Leci — A gente já é marginalizado, de cara, pela sociedade. Então a gente se une, se junta, dá as mãos. E um ama o outro, sem medo nem preconceitos. É um negócio maravilhoso, que eu estou curtindo de cabeça, realmente. É o mais produtivo mergulho que eu já dei em mim mesma e na vida!
(A platéia queda, estuporada, por segundos. Há, finalmente, um rumor de frases, de perguntas atravessadas no ar.)
José Fernando — **Você aceitaria algum título desses que tem por aí, de Rainha do Povo Guei, por exemplo?**
Leci — Não, eu não aceitaria esse título e vou explicar porque. Rainha de Guei já passa a ser uma coisa meio badalativa, uma coisa turística, vista de fora para dentro. Aí eu já estaria usando o meu lado guei para me promover e não estou a fim disso. Eu trabalho, componho, vou às rádios, tudo isso, profissionalmente. Vou a tudo quanto é show de travesti. Amo travesti. Mas sempre num respeito por mim mesma e pelos outros, muito grande, extremo. Minha transação com meus iguais é de pessoa para pessoa. É até engraçado. Como é que eu ia poder reinar sobre os meus semelhantes?
José Fernando — **Mas você comparece a festas gueis públicas, em sua homenagem...**
Leci — Quando tem muita badalação às vezes eu evito ir. Eu quero que as pessoas enxerguem esse meu lado homessexual como uma coisa séria, que haja respeito. Tanto que dentro da boate Gaivota, no dia 7 de setembro do ano passado, quando houve uma homenagem lá pelo lançamento do meu disco "Coisas do Meu Pessoal", cheguei no microfone e disse "Toma cuidado com os forasteiros, minha gente!" Porque nós temos de ter cuidado com os "curiosos" entre aspas, porque eles estão sabendo que a questão homossexual vende revista, disco, jornal. O sistema descobriu que guei lá dá lucro. Todo mundo vai ler, comprar; todo mundo quer descobrir endereço de boate entendida. Depois essas pessoas chegam nas boates, pegam o homossexual, que está lá às vezes encucadíssimo, num fim de caso, usam e abusam da figura. Transa, entrevista, etc., e depois cai fora. Mas cai fora porque a cuca do "curioso" não está preparada para um lance daqueles, de verdade verdadeira. É por isso que um monte de gente por aí está fu e mal paga: porque se meteu com a pessoa errada, com um desses turistas do homossexualismo.
José Fernando — **É, gente. Agora estou entendendo porque a Leci Brandão foi tão votada no concurso de Guei do Ano do "Correio de Copacabana." A Glorinha Pereira lançou o tal concurso, que recebeu, em três meses, um total de quase sete mil votos. E Leci ficou na quarta colocação, com uns oitocentos votos, acima de cantoras que estão na batalha há muito mais tempo, como Gal Costa, Maria Bethania. Ganhou até da Simone, novo ídolo guei da praça.**
Chrysóstomo — **Quem lançou as candidaturas? Foi voto direto?**
José Fernando — **Foi voto direto. Ninguém apresentou candidatura de ninguém. Cada leitor ou eleitor votou em quem quis. Teve gente que não entendeu a idéia de Personalidade Guei e votou em Fernanda Montenegro, Tônia Carrero, por aí.**
Chrysóstomo — **Se foi voto direto sou a favor. Cada um tem a eleição que marece.**
(Leci ri e também se declara a favor de eleições diretas)
Maurício — **Quem foram os outros eleitos?**
José Fernando — **Em primeiro lugar o Toni Ferreira, seguido na ordem de votação pelo Ney Latorraca, Ney Matogrosso e Leci Brandão. E quinto ficou o João Paulo Adour.**
Chrysóstomo — **Ué. Ney Latorraca e João Paulo Adour são personalidades gueis? Pensei que eram atores de novelas da Globo.**
José Fernando — **O que me surpreeendeu mesmo foi a primeira colocação do Toni Ferreira e a quarta da Leci. Os dois, vamos usar a palavrinha chata, são assumidos. Então nesse jogo de esconde-esconde da maioria dos artistas, era pra eles não serem nem lembrados.**
Chrysóstomo — **Surprise! A verdade rende voto! Isso contraria todas as regras de jogo. Você é uma espécie de porta-voz guei; aceita esse papel?**
Leci. Por que não? Desde que se encare o guei como uma pessoa, um estilo de vida tão digno e sério como outro qualquer, posso ser porta-voz da situação do meu pessoal. Mas olha lá. Nada de guei tratado ou agindo como coisa jocosa, que não se dá ao respeito. Aquele estilo do aaaiii, cheguei! Só serve a quem é contra nós, de forma declarada ou disfarçada.
José Fernando — **Qual seria o comportamento certo?**
Leci — O negócio e bem diferente. Por exemplo, jornalistas de nome se unem e fazem um jornal como o LAMPIÃO, a que se pode dar crédito. Artistas se unem e fazem um espetáculo guei, de consistência. De minha parte faço minha música e meu canto. Quero continuar cantando livremente todas as minhas preferências, inclusive as sexuais. Sempre falando e cantando de uma forma nova, bonita. A gente pode falar de cama e sexo de uma forma limpa e criativa, pois o sexo também pode ser limpo e criativo. Uma coisa de classe.
Chrysóstomo — **Classe? Igual no IBOPE., classe A,B,C?**

Leci — Acontece, por exemplo, que eu tenho minha mãe, Leci Conceição Brandão, uma mulher que nasceu em 1922, tem um padrão de vida completamente diferente, tem outra cabeça, mas é uma pessoa que eu respeito — não tenho pai há muitos anos —, e sei que ela não aceita certas coisas. Como ela merece respeito, penso duas vezes antes de tomar qualquer attitude. Classe é isso. Fazer as coisas sem violentar os outros.

Chrysóstomo — **Apesar de já levar certa vantagem, por ser famosa, você é negra, homossexual e mulher. Todos nós sabemos que negro, homossexual e mulher são algumas das espécies mais discriminadas. Você não tem medo de se expor, de enfrentar a barra dos preconceitos?**

Leci — Peraí. Você falou como?

Chrysóstomo — **Você não tem medo das pessoas te olharem diferente porque é negra, mulher e homossexual declarada?**

Leci — Eu teria medo dos outros se não fosse nada disso e estivesse fazendo um trabalho supérfluo, alguma coisa simulada, se estivesse mentindo para vender disco. Mas como eu estou fazendo verdade dessas três condições, acho que fica tudo bem. Assumo minha cor e minha condição feminina porque nasci assim e nunca usei isso como argumento, como "me ajuda que sou preta, mulher e fraca"; para pedir favor aos outros. Que nada! Por ser preta e mulher é que trabalho muito, desde pequena. Agora assumo também a minha condição de gostar de outra mulher. Isso pintou na minha vida porque tinha que pintar. Ninguém obrigou, induziu, nada disso. Como eu estou fazendo tudo de verdade, de cabeça, não tenho medo do preconceito das pessoas. Quando alguém tem consciência do que faz só tem a ganhar. Quando você acredita em você — e sabe porque está acreditando — não existe motivo para medo nenhum.

Maurício — **Você não acha que a imprensa também é culpada por isso, pelo preconceito contra os homossexuais? (Início de tumulto. Leci responde, alheia ao barulho dos litigantes)**

Leci — Não sei não. Pode ser que a imprensa tenha uma parte pequena de responsabilidade.

Maurício — **Pequena como, com essa mania de turistizar o sapatão e a bicha?**

Leci — A mania não é só da imprensa, não é?

Chrysóstomo — **Como jornalista gostaria de esclarecer que uma parte da imprensa, a imprensa machista, tem responsabilidade sobre esse problema sim. Mas me admiro você Maurício, repórter fotográfico, colocar o problema de jeito tão simplista. Virou moda, moda perigosa, alienante, culpar a imprensa por tudo o que acontece. Não foi a imprensa que inventou a bicha nem o sapatão. Tudo vai depender do jornalista ou do veículo que publicar a matéria.**

Leci — É muito isso. Mas o preconceito existe.
Chrysóstomo — **O machão que redige uma nota mal escrita, toda deformada, sobre uma bicha assassinada por um michê, apenas reflete o problema de formação. Ele já tinha o preconceito é mais antigo. Presumivelmente existe desde a Idade da Pedra Lascada, quando o homem matava o mais fraco, quem sabe o afrescalhado da época, porque o cara representava uma ameaça à procriação, à ocupação física do mundo animal mais forte, o homem primitivo. O problemas mesmo é a preservação da espécie. Tá na cuca de todo mundo, da bicha mais doida. Só quero ver agora, com o bebê de proveta como é que vai ficar.**
Maurício — **Bebê de proveta não vem ao caso.**
José Fernando — **Por falar em bebê de proveta, o Nélson Ned disse no programa Flávio Cavalcante que o artista, para fazer sucesso no Brasil, tem de ser esquerdista, homossexual ou toxicômano. O que você acha disso?** (Todo mundo ri)
Leci — **(Cara de espanto, olho arregalado)** Eu nunca conversei com o **Nélson** Ned. Que coisa! Será que ele disse mesmo isso?
José Fernando — **Disse, disse! Foi na TV. Eu vi. E tem mais: acho que se ele afirmou uma coisa dessas é porque muita gente pensa assim. O anãozinho foi a voz da chamada maioria silenciosa.**
Chrysóstomo — **A mesma maioria que o Nixon dizia que falava por ele nos Estados Unidos?**
Leci — Eu acho que as pessoas atacam gente conhecida porque elas têm um recalque incrível, uma frustração de não serem elas que estão no palco, na televisão, escrevendo, assinando coluna, essas coisas.

José Fernando — **Vai ver você tem razão. Já pensou o Nélson Ned de travesti? Ou escrevendo panfletos contra o governo ou doido de fumo por aí?**
Leci — **(Engasga de rir. Desengasga e continua)** É realmente um absurdo. Eu, por exemplo, nunca usei tóxico para coisa alguma, muito menos para compor ou cantar. Tomo umas biritas de vez em quando, um conhaquezinho para clarear a voz. Agora não tenho nada com a vida dos outros. Se o Nélson Ned queima fumo é problema dele e não meu. Ah, não vou falar sério sobre isso não. Só sei que artista, jornalista, esse pessoal todo trabalham muito. Nós mesmos estamos aqui, às dez da noite, fazendo esta entrevista, trabalhando.

José Fernando — **Ah, outra coisa. O que você acha dessa história de artista bicha posando para reportagem da revista "Amiga" com noiva emprestada do lado?**
Leci — É um problema de insegurança. A pessoa que se garante não vai se preocupar de mostrar noiva, noivo, sei lá o que.
José Fernando — **Você posaria com um noivo arranjado pra capa de uma revista?**
Leci — Claro que não, porque seria ridículo. Depois eu não ia ter nem coragem de me olhar no espelho.

Maurício — **Isso não é porque você vende bem sendo como é?**
Leci — E no princípio, quando não vendia nada, quando comecei? Teria arrumado um noivo pra dar entrevista do lado, não é?
Maurício — **Mas você é uma pessoa forte.**

Leci — É o que eu estou dizendo! Ninguém precisa tapar o sol com a peneira pra fazer sucesso. Esses rapazes, essas bichas que nós conhecemos tão bem, dentro do meio, fazem papel ridículo por insegurança. Fala-se muito nos atores da Globo que fingem machismo para conquistar as fãs. Mas o Toni Ferreira, por exemplo, que conheço bem, já posou para alguma capa de revista com namoradinha do lado? Não, porque ele se preza, tem respeito por ele mesmo.
Chrysóstomo — **Esse pessoal não seria vítima do tal Sistema de que tanto se fala?**

Leci — Espera aí, ô Chrysóstomo. Esse negócio de imagem, de consumo, não dá, sabe? Eu falei isso pro senhor Roberto Livi (**N.R. — Atual empresário e produtor dos discos e da imagem de Sidney Magal**), dentro da sala dele, na Phonogram. Ele quis se meter no meu disco do ano passado, dizendo que não tinha entendido esse negócio de "Ombro Amigo", "Vamos ao Teatro", não tinha entendido nada, né? Ele era coordenador da Polydor e me disse com aquele sotaque, "Mas yo quero que usted venda 400 mil discos!" Eu disse: "Bicho, mas eu não estou preocupada em vender quatrocentos mil discos. Você é argentino, um cara que não tem competência para discutir sobre o meu trabalho. Prefiro vender três mil, mas três mil honestos, dando o meu recado".
Chrysóstomo — **Quanto você vende afinal?**
Leci — Cada LP meu chega às 20 mil cópias, por aí. Quero assim, que as vendas aumentem gradativamente, ou que venda pouco, mas só à medida que as pessoas forem conhecendo e aceitando o meu trabalho como ele realmente é. Nada de imagem mentirosa, noivo do lado, bugigangas e poses para enganar o público. Se tem artista que gosta de se emperequetar, melhor pra ele. Eu não faço essa linha. Eu acho que seria muito ruim pra mim, Leci Brandão da Silva, mulata brasileira, chegada a um samba, a um bolero, a uma verdade muito minha, vender uma quantidade enorme de discos. Já pensou? Gravar uma musiquinha qualquer, o público comprar só porque é comercial e amanhã, depois de ter alcançado o primeiro lugar nas paradas, ninguém mais se lembrar do meu nome, do meu trabalho? A qualidade, pra mim, é mais importante do que a quantidade.

O poema Hino a Pã, **que publicamos nesta edição, numa incrível tradução do poeta português Fernando Pessoa, é assinado por Mestre Therion, na verdade um dos nomes mágicos de Alester Crowley, "mago, aventureiro e charlatão inglês", que manteve com Pessoa longa correspondência e chegou ir a Lisboa, em 1930, para conhecê-lo.**

Glauco Mattoso, autor de With a little helpmate, **forma na linha de frente dos lampiônicos paulistas e, como poeta, já participou de várias antologias (é também contista). O poema de Olney Kruse foi escrito logo após a morte de Pasolini, e é uma homenagem ao grande escritor italiano, assassinado em circunstâncias — até hoje — não inteiramente esclarecidas.** (Gasparino Damata)

Bilhete ao meu Melhor amigo

(A Pier Paolo Pasolini, in memorian)

ontem
os passos da covardia
correram atrás de teu corpo
e um grito sem eco correu pela
noite

tua voz não foi ouvida
eu dormia

ontem
os gestos da violência
agarraram tua alma
tua sensibilidade
quiseram tirar da tua pureza um galho
folha talvez
para o enxerto de que careciam

quiseram roubar o maior do grande que existe
em ti

ontem
debaixo de minha janela
tu gritaste meu nome
feriram tua beleza
e teu corpo por teus orifícios verteu
água doce água salgada água suada

tu gritaste meu nome
eu dormia
tu gritaste meu nome eu cansado fazia
no leito a pausa forçada

meu amigo
estenda-me tua mão
estou desperto
vamos juntos e sós
apunhalar a escuridão
cuspir na violência
perguntar por que a noite é escura e esconde o
mal
vamos jogar no rosto dos covardes o excremen-
to decomposto
que um cão esqueceu na rua

Olney Krüse

With a little helpmate

noite alta
no ponto mais baixo
e acidentado
da topografia urbana
vou me embrenhar num beco
me embebedar num boteco
tropeçar num teco-teco
puxar papo co piloto
e sem brevê e sem pára-queda
o cara me convida pra bordo
pra fugir da cerração
um vôo sem plano
um ar do campo
um cheiro de mato
me traz a jato
me faz a cuca
e a cabeça
noite alta
no prédio mais alto
e deteriorado
da hipertrofia urbana
vou me esticar num velho leito
me amamentar num novo peito
rememorar um preconceito
apalpar o anfitrião
e sem pudor e sem etiqueta
o cara me convida pra dentro
um beijo de macho
uma fome de bicho
me deixa oco
me põe louco
me abre a boca
me faz a cuca
e a cabeça

Glauco Mattoso

Hino a Pã

VIBRA DO CIO subtil da luz,
Meu homem e afã
Vem turbulento da noite a flux
De Pã! Iô Pã!
Iô Pã! Iô Pã! Do mar de além
Vem da Sicília e da Arcádia vem!
Vem como Baco, com fauno e fera
E ninfa e sátiro à tua beira,
Num asno lácteo, do mar sem fim,
A mim, a mim!
Vem com Apolo, nupcial na brisa
(Pegureira e Pitonisa),
Vem com Artêmis, leve e estranha,
E a coxa branca, Deus lindo, banha
Ao luar do bosque, em mármores monte,
Manhã malhada da âmbrea fonte!
Mergulha o roxo da prece ardente
No ádito rubro, no laço quente,
A alma que aterra em olhos de azul
O ver errar teu capricho exul
No bosque enredo, nos nós que espalma
A árvore viva que é espírito e alma
E corpo e mente — do mar sem fim
(Iô Pã! Iô Pã!)
Diabo ou deus, vem a mim, a mim!
Meu homem e afã!
Vem com trombeta estridente e fina
Pela colina!
Vem com tambor a rufar à beira
Da Primavera
Com frautas e avenas vem sem conto!
Não estou eu pronto?
Eu, que espero e me esforço e luto
Com ar sem ramos onde não nutro
Meu corpo, lasso do abraço em vão,
Áspide aguda, forte leão —
Vem, está vazia
Minha carne, fria
Do cio sozinho da demonia.
À espada corta tudo o que ata e dói
Ó Tudo-Cria, Tudo-Destrói!
Dá-me o sinal do Olho Aberto,
E da coxa áspera o toque erecto,
E a palavra do Louco e do Secreto,
Ó Pã! Iô Pã!
Iô Pã! Iô Pã! Pã! Pã! Pã,
Seu homem e afã:
Faze o teu querer sem vontade vã
Deus grande! Meu Pã!
Iô Pã! Iô Pã! Despertei na dobra
Do aperto da cobra.
A águia rasga com garra e fauce;
Os deuses vão-se;
As feras vêm. Iô Pã! A matado,
Vou no corno levado
Do Unicornado.
Sou Pã! Iô Pã! Iô Pã Pã Pã!
Sou teu, teu homem e teu afã,
Cabra das tuas, ouro, deus, clara
Carne em teu osso, flor na tua vara.
Com patos de aço os rochedos roço
De solstício severo a equinócio
E raivo, e rasgo, e roussando fremo,
Semiiterno, mundo sem termo,
Homem, homúnculo, ménade, afã,
Na força de Pã.
Iô Pã! Iô Pã! Pã! Pã! Iô Pã!

Mestre Therion
(Tradução de Fernando Pessoa)

o show

Aracy Cortes, a eterna

Neste mês de outubro, a irreverência, o charme esculachado, a atitude instintivamente libertária de uma precursora dos direitos da mulher brasileira estiveram presentes ao palco do Teatro Dulcina, Rio, num *show* de apenas uma noite. Comemorava-se os 58 anos de atividades artísticas da grande Aracy Cortes. Como? Nunca ouviu falar? Pois o leitor desavisado, se não conhece Aracy Cortes — vida, mais conflitos e xingatórios diversos semeados através da obra —, não sabe o que está perdendo. Mulata clara e bem servida de carnes, era linda quando subiu ao palco pela primeira vez, em 1920, no musical Secos & Molhados no teatro (hoje cinema tão falado) São José, da Praça Tiradentes. As fotos da época dão testemunho da pujança física da vida na década de 20.

Mas — e aí vem o X de Aracy — em que empregou ela o seu abundante material físico, vocal, seu intuititvo senso de uso do ritmo e do tempo de cena? Numa época em que as estrelas falavam com sotaque português mesmo quando nascidas no Ceará, ela partiu, feroz, para dentro de si mesma, de onde arrancou a brejeirice e o desabuso face a qualquer poder, inclusive o da platéia, com quem sempre manteve uma relação de ódio e amor, de maus tratos infrigidos a qualquer admirador mais "metido a besta", como reconhece ser do deu estilo até hoje. Sobretudo, Aracy falou e cantou em *brasileiro* — já em mil novecentos e vinte poucos, notem bem! À falta de escola e técnica, inventou recursos, fundou estilos: foi a primeira a fazer os chamados números de platéia, quando a estrela desce do palco, conversa — e no seu caso, dizem, brigava — com os expectadores das primeiras filas. O jeito brasileiro de cantar, com dengue, malícia e duplo sentido (esse recurso que o artista nacional tem sido tão obrigado a usar, através dos tempos) nasceu com ela, apesar de creditado por alguns pesquisadores a uma de suas seguidoras confessas, a igualmente gloriosa Carmem Miranda.

Para esses pesquisadores, fica o registro: rapazinho, recém-chegado ao Rio, consegui, no final dos anos 50, me aproximar de Carmem Miranda, na sua única volta ao Brasil, antes da morte. Pernas bambas, vontade súbita de fazer xixi, cheguei perto da Miranda (imaginem! em carne e osso, à minha frente, uma das componentes, juntamente com Carmem Costa e Dalva de Oliveira, da santíssima trindade de minhas admirações infanto-juvenis!). Pedi uma entrevista para o Diário de Poços de Caldas, onde comecei esse batucar infinito de teclas de máquinas de escrever. Foca, lá pelas tantas enfiei a pergunta inevitável sobre "quais foram as suas influências musicais Carmen?, me sentindo importantíssimo em poder dizer o seu nome de corpo presente. Surpresa: a única apontada foi Aracy Cortes — de quem, na minha infinita ignorância de menino nascido nos anos 40 no interior brabo de Minas Gerais, pouco tinha ouvido falar.

Mas se Carmem Miranda teve a veracidade adequada de falar de Aracy, o mesmo não ocorreu — e até hoje raramente ocorre — com os registradores profissionais da história da MPB. O fato é que ela, ao mesmo tempo que prostrava platéias com seu destempero rasgado de mulher do povo, também colecionava inimigos a granel, por não obedecer às regras do estabelecido. Mestiça, destratou poderosos mais interessados em seus talentos, digamos, de fora do palco. Ostentou o seu poder de estrela do populacho através do uso, por sua conta e risco, de todos os luxos — carrões, palacetes, etc. — que o seu dinheiro lhe podia dar. Quando quis casar escolheu o marido, um bailarino que só lhe proporcionou desgostos (se é que me faço entender). Mais, muito mais: entornou o seu riquíssimo vocabulário de porta de botequim sobre diretores de gravadoras, empresários, todos os que não se comportaram à altura do seu personalíssimo critério de valores. Em troca foi punida severamente, a ponto de durante longos anos ninguém ouvir falar dela, enquanto amargava rancores em pensõezinhas da Rua do Catete ou num quartinho da Casa dos Artistas onde, dizem, bagunçou a vidinha de todos os outros hóspedes.

Em 1970, buscada por Hermínio Bello de Carvalho, teve a volta merecida, no espetáculo do teatro jovem "Rosa de Ouro", onde atuou — e brigou — com Clementina de Jesus, Paulinho da Viola e Elton Medeiros, dentre outros. De lá para cá continuou a mesma. No palco do Dulcina, por exemplo, usou todo o sacrossanto direito de irreverência a que tinha direito. Seu diretor, J. Maia, ouviu muitas e boas, em cena aberta, por estar o palco cheio de fios de microfones "e outras baboseiras desse tipo de que eu não preciso para cantar, porque canto mesmo é no gogó". Sei, por experiência própria, ser perigosíssimo declarar a idade de Aracy em artigos para jornais e revistas. Por prudência, dizemos que, entre os sessenta e tantos, setenta e poucos anos, ela ainda é capaz de concluir, dirigindo-se ao público, que "muitas vezes o meu lar esteve de luto, enquanto o de vocês estava em festa, por minha causa", numa referência direta aos seus direitos profissionais adquiridos ao longo de 58 anos de teatro, de música, de trabalho duro. Do alto de sua glória de abre-alas da arte brasileira, Aracy Cortes não pede — declara os seus direitos. Haverá lição mais proveitosa para todos nós, artistas ou expectadores, que viemos depois dela?

Antônio Chrysóstomo

o disco

Música para o povo guei

A palavra gay, usada pelo Lampião da Esquina como guei, parece ser alvo de grande comercialização nos Estados Unidos e determinados países Europeus. Se torna prudente para os comerciantes vender tudo o que os homossexuais consomem: livros, revistas, roupas, chaveiros, perfumes, e até determinados aparelhos para o prazer sexual. Dentro deste processo, que já está se desenvolvendo muito rápido, o Brasil em breve irá entrar no mesmo esquema. Basta dar uma olhada nas noites de sábado principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Verdadeiras multidões invadem as boates, e seus faturamentos estão deixando muitas pessoas com boa situação financeira, graças ao povo guei. A moda também já faz parte dos nossos mercados. Os chaveiros usados fora do bolso tão curtidos por todos, gueis e não gueis, tiveram origem nos Estados Unidos, chegando até nós num pequeno espaço de tempo.

Surge agora um conjunto inglês ***Tom Robinson Band,*** *digo agora porque o seu último disco será lançado em breve pela gravadora Odeon no nosso mercado. O Lp* ***Tom Robinson Band — Rising Free*** *é um disco de Rock (pauleira como costuma dizer a moçada de Ipanema), e deverá atingir especialmente o público guei. Ele é dedicado às minorias e dá maior ênfase aos homossexuais. Tudo nos leva a crer que este grupo de* ***Tom Robinson*** *não visa a comercialização propriamente dita, numa forma de encher os bolsos de dinheiro sem se preocupar com o conteúdo do trabalho. Tom e sua Banda são homossexuais assumidos e através do seu trabalho procuram chamar a atenção das minorias esquecidas. Suas músicas são protestos feitas com muita inteligência e com uma ironia e veneno necessários nos dias de hoje. Procuram mostrar que a repressão existe dentro da Inglaterra, e, ao mesmo tempo, desmistificar a idéia inexistente de total liberdade homossexual daquele país. Tudo isto pode-se sentir dentro da música* ***Sing if You're Glad to Be Gay.*** *Mas o disco não se limita a músicas para o novo gay, ele abrange outras áreas, mostrando um trabalho de integração.*

Dentro deste aspecto encontramos a música ***I Shall Be Released,*** *de Bob Dylan, já gravada por muitos cantores, e neste disco Tom Robinson consegue mostrar uma nova versão incrívelmente bem sucedida.*

Mas a força deste Lp é sem dúvida ***Sing If You're Glad To Be Gay,*** *de Robinson. Para começar, ele faz uma referência especial:* ***Esta canção é dedicada à Organização Mundial de Saúde, é uma canção médica que se preocupa com uma doença que é classificada, de acordo com o registro Internacional das doenças, com o numero 302.O*** *(código para determinar as pessoas que possuem o "diagnóstico de homossexuais"). No decorrer da música iremos encontrar várias passagens gozativas; entre elas uma mensagem aos policiais britânicos que inicia dizendo que os mesmo invadem os* ***Pubs*** *ingleses, sem nehuma razão plausível. Agridem as pessoas, revistam as casas e as chamam de bichas. E ironicamente ele diz que não acredita que este tipo de atitude exista na Inglaterra. No final sugere que todos mintam para os seus colegas de trabalho e para os parentes, renunciem às bichas e façam piadas sobre as bichas, que a liberação gay é ridícula, que é preciso rir dessas situações, agora os sodomitas são legais, o que mais eles querem? Esta última situação tem relação com determinados grupos de brasileiros que com as mesmas palavras e atitudes aderem ao sistema, dizendo que não há repressão contra os homossexuais. É claro, se torna cômodo não querer olhar para dentro de si e para o mundo que os cerca; a alienação se torna uma forma de não crescer (internamente) sem se dar conta do que se passa em volta.*

Enfim, o disco vem aí com toda a força possível e até acompanhado de um símbolo: mão fechada e levantada com os dedos para fora, semelhante ao movimento negro americano, mas com uma diferença; a mão dos negros americanos tem os dedos virados para dentro. Aguardem e curtam este bom trabalho da ***Tom Robinson Band em Rjsing Free.***

Adão Acosta

a peça

Ziembinski: agora, o mito

A gente sabia que Ziembinski estava muito doente, mas, no fundo, todos que o conheciam esperavam que sua vitalidade triunfasse outra vez — Zimba, às vezes, dava a impressão que seria eterno. A notícia de sua morte nos chegou em meio ao fechamento desta edição e — tristeza de lado — foi preciso noticiá-la com o devido pesar. Recolhemos da imprensa diária este artigo de Yan Michalski, crítico de teatro do Jornal do Brasil, **cuja emoção transbordante nos tocou. E, com a autorização do autor, decidimos publicá-lo, sem maiores** "considerandos", **que Zimba não os apreciava. Com a palavra Yan Michalski:**

Desde que me entendo por gente em teatro, ouço dizer que ele era o pai do moderno teatro brasileiro. Tipo de rótulo que em geral representa um lugar-comum sem maior significado. Agora que ele morreu, sei que todos nós nos sentiremos um pouco órfãos. Não só por causa da inestimável influência que nos trouxe, e que pesou, decisiva, sobre pelo menos duas décadas da arte cênica no Brasil. Mas também porque a sua figura patriarcal era uma imagem de cuja autoridade, no bom sentido, todos os que com ele um dia trabalharam nunca se conseguiam libertar. E quem é que um dia não trabalhou com Ziembinski?

Não acompanhei pessoalmente a primeira revolução ziembinskiana, no tempo dos comediantes; mas algumas das suas direções a alguns dos seus desempenhos no TBC, no início dos anos 50, foram decisivos para criar em mim o fascínio pelo teatro. Mas a lembrança mais forte que me ficou foi a de Ziembinski professor, de quem fui aluno na Fundação Brasileira de Teatro, de Dulcina de Moraes. Lembrança de aulas que eram longas e fantásticas elocubrações sobre a vida pregressa dos personagens de cada peça que discutíamos, enquanto a mão do mestre, ao mesmo tempo em que ele divagava, rabiscava num pedaço de papel projetos de espaços ideais dentro dos quais ele um dia faria o cenário ideal para a peça em questão. Lembrança de conselhos que ele nos dava para que, uma vez formados, não fizéssemos concessões e vivêssemos o teatro quase como uma religião — que era como ele o vivia. Lembrança da inibição que tive, mais tarde, ao ter de discutir criticamente o trabalho daquele que ainda conservava, como conservaria até o fim, a imagem do mestre. Lembrança do orgulho e do afeto com que ele acompanhava o progresso profissional dos antigos alunos.

Com 20 anos de atraso, Ziembinski trouxe ao Brasil a experiência do teatro expressionista. Mas agora ele leva consigo, quase 100 anos depois que ela desapareceu dos palcos do mundo, a magia do grande ator selvagem do teatro romântico, que ele ainda encarnava como ninguém. A magia daquele personagem moribundo de **Check-up,** de Paulo Pontes, que se levantava do seu leito de hospital e gritava a um iluminador imaginário que lhe acendesse, um por um, todos os refletores, que lhe inundasse o palco de luz.

Há nada menos de 27 anos atrás, Décio de Almeida Prado já escrevia: "Seríamos injustos se víssemos em Ziembinski apenas o homem, e não o mito que já se vai formando". Com a morte do homem, fica apenas o mito — um dos mitos mais verdadeiros que o teatro brasileiro terá para cultivar de hoje em diante.

CARTAS NA MESA

A volta do rapaz ocupado

A boneca aqui nem terminou de ler o jornal, mas o fogo não permite esperar para escrever depois. É que sempre leio os títulos que mais gosto e assim, me deparei com "O rapaz ocupado, e dei com minha própria carta, imaginem o frenetismo. Li a resposta e adorei, claro, vocês são maravilhosos, gostosos, T grandes (como vocês eufemizam) e cucas — o que mais prezo — ótimas. Escrevo de novo pra dar um beijo em vocês e contar uns tro,os. Vamos por partes.

CAPÍTULO I — Lembram que eu falei que temos um "clubinho" onde nos reunimos, etc? Pois é. O tal clubinho, no último 2 de setembro, se reuniu aqui em casa, idéia da louca aqui, lógico — porque a maioria só se assume nos guetos, para fazer uma festinha. Teve convite e tudo, saiu do círculo do clubinho, espalhou-se, tudo com o intuito de lutar contra os preconceitos, a violência, o machismo que é tudo isso e um pouco mais; chegamos a chamar a festa de "A noite do signo de Virgem". Não ia ter grilo, porque painho tava viajando, mãinha tava aí, mas não tive(mos) medo.

CAPÍTULO II — O meu irmãozinho gorila fez tudo para nos atrapalhar, disse que só ia ter viado na festa (o que é mentira: queremos é desmarginalizar a espécie), e ainda fez assim "Imagine, mãe, se Fabíolo convidar Almeidinha para dan,ar". Nota: Almeidinha é uma boneca linda, rara, assumida, doce, etc... Não tenho caso com ela, mas não dispenso uma amizade, ora vejam só.

Pois é: o gorilão tentou, mas a festa come,ou, inclusive com a ausência dele, que saiu para não ficar em festa de viado. Claro que a festa foi otima, e homens e mulneres de todos os sexos jogaram-se todos, dan,amos aos pares, fizemos e acontecemos.

Notinha: a festa foi no sábado. Domingo de manhã, eu e Silvana, uma amiga minha, fomos à praia. Quando chegamos, a casa estava em ares de revolu,ão, conspira,ão e forca também.

CAPÍTULO III — DAS REPRESSÕES POSTERIORES — 1) Raquel, minha irmã, foi proibida de usar biquini, vestir roupa transparente, sair sozinha e tudo o mais. 2) Fomos todos proibidos de trazermos e/ou andarmos com nossos amigos — aqueles" —, e tia Yayá (imagine) veio ajudar mother no sermão reacionário/ caquético/ esclerosado/ ridículo de que homossexualismo é doen,a, anomalia social, tara, vício, pecado mortal, mas "que deve ser ajudado... Vocês têm que ajudá-los dando exemplo". (Imaginem, se eles soubessem... Mas quem manda ter tia e mãe que são cegas?)

CAPÍTULO IV — DAS HIPOCRISIAS — 1) Fingimos ignorar tudo. 2) Tia Yayá me chamou e me passou um big-sermão. Ouvi calado, concordando com tudo, com cara de santa. 3) Uma semana depois ela mesma chamou minha irmã, fez o sermão, mas minha irmã reagiu, fez um escândalo. 4) Como consequência desse escândalo, a festa e tudo o mais chegou aos ouvidos de father, que disse a mim e a minha irmã: "Não tenho nada com isso. A vida é de vocês. Mas fa,am o que quiserem e fiquem calados. Lembrem-se: Oscar Wilde só se estrepou porque desafiou Vitória". Não aguentei e respondi que se quiséssemos disfar,ar, pra nós seria fácil, já que não somos caricaturais, não fazemos o jogo do sistema, que é a frescura. Mas que estávamos em outra — que queríamos era berrar, falar, assumir integralmente a nossa condi,ão humana. 5) Ele, por sua vez, fingiu não ouvir nada.

CAPÍTULO V — Dito e feito. Amanhã (30.9) já tem a segunda festa do clubinho, "A noite do vapor barato".

CAPÍTULO VI — Vocês são ótimos. Somos uma classe que precisa se unir. É o que eu e todos daqui pretendemos: paz e amor, lutando contra os preconceitos e tabus. Ah: Fabíolo Dorô é pseudônimo. E não somos três homens e uma mulher, isso também era fic,ão: somos dois homens, duas mulheres e o gorila. Mas o fato de os quatro primeiros entenderem de tudo de ambos os lados, isso é verdade mesmo. Diga a Darcy que ele estava ótimo no ridículo programa de Flávio Cavalcanti. Adorei a baixa dada em L.C.A. Onde já se viu? Que festividade horrorosa! Digam a ele que bicha burra nasce homem e que J.S.T. é ótimo. Beijos, agora, sem ordem de preferências, mas não se esque,am de Peter Fry, e um anexo na tal Beatriz Medina, que é excepcional.

P.A. (Fabíolo Dorô)
Salvador - Bahia.

R — Fabíolo, depois de ler essa tua carta e a anterior (vide LAMPIÃO nº 5: "O rapaz ocupado"), concluímos que tua vida é igual a um romance de Jorge Amado. Por que não conversa com ele? Nosso romancista vai transformar você numa mulata libertária do popô enorme e escrever setecentas laudas. Você está cada vez melhor! Beijos retribuídos.

Abraços da Paraíba

*Caríssimos redatores. Esse passo foi muito importante para que as pessoas se conscientizassem de que o homossexualismo é uma coisa normal, **normalíssima**, e deve ter seu lugar dentro da sociedade, porque os homossexuais são seres humanos, **exageradamente humanos**, e têm de ser tratados como tal. Vamos em frente, derrubando barreiras, que só existem na mente de pessoas desatualizadas e pobres culturalmente. Num País que avança à passos largos, decididamente, precisamos desenencar as pessoas que nada têm a ver com nada em termos de Brasil grande e que estão ligadas a certos preconceitos individuais por causa, na maioria das vezes, de um interior pobre, cheio de podridão, e que se revoltam jogando sobre nós suas frustrações. Um abraço, mas um abraço bem forte da Paraíba. Júnior.*
João Pessoa, PB

"Apóstolos" de quê?

Caro editor: Depois de ter lido com bastante interesse os ns. 4 e 5 desse jornal, acredito que posso permitir-me dizer alguma coisa a respeito. Foi uma surpresa, para mim, descobrir que, de repente, alguém resolveu gritar pelos direitos que lhe cabe. O jornal traz em todas as suas páginas um desejo latente: o de mostrar claramente que, em nome da sociedade, cometem-se barbaridades forma de preconceito desmedido. A mim não importa tanto o fato dessa tomada de consciência partir exatamente dos homossexuais: considero-a generelizada. São todos (ou somos todos?) gente oprimida por um sistema de vida sufocante e, mais que tudo, acomodada a este mesmo sistema. Por isto é que me surpreende ver nascer da massa uma minoria — que amanhã será maioria disposta a desfraldar sua bandeira. Realmente, foi uma idéia interessante! Se a palavra não soa mal, diria mesmo que é um "apostolado" sublime ajudar as pessoas a conquistar as armas com as quais elas poderão lutar em prol de uma autenticidade sem falsos pudores. Em tudo isto, apenas uma coisa me incomoda: é a incerteza de como esse jornal será utilizado. Quantos, a esta altura, não o estarão adquirindo só para saberem o que se diz "a nosso respeito"? Bem, acho que a minha carta cumpre fielmente sua intenção: dar meu integral apoio a mais este trabalho de conquista, de libertação e, sobretudo, de procura de algo que não se encontra em nenhum outro lugar, a não ser dentro de nós mesmos: a paz. Abraços

J.R.S.

Rio

R — **Está vendo J.R.S.? A gente não resumiu tanto assim a sua carta como, a certa altura, você supunha que fizéssemos. Mesmo porque ela tem pontos que também achamos interessantes. Você está conosco quando diz, por exemplo, que a consciência de que as chamadas minorias precisam ter voz própria apenas ocasionalmente partiu de homossexuais: a questão é mais ampla: tanto que nos preocupam basicamente os direitos tanto dos negros quanto das mulheres. Quanto a "apostolado" sua dúvida no emprego da palavra é fundada: apóstolos, nós? De que novo dogma? Preferimos a liberdade — inclusive sexual. E não se preocupe com o que "os outros" vão pensar de "nós". No fundo, no fundo, nem eles são tão "outros" nem a gente tão "nós". E obrigado pelo seu apoio; disto, claro, todo mundo precisa: solidariedade.**

Conselhos e sugestões

Sr. editor: desde o primeiro número do jornal fiquei encantado com o modo franco, aberto, sem frescuras com que vocês escrevem. Acho muito importante a existência de jornais como este, que buscam acima de tudo a conscientização do homossexual. As reportagens são jóia, apenas uma me decepcionou um pouco, foi a do Clodovil. Bem, agora vou enumerar as coisas que, se possível, gostaria de ver publicadas pelo "Luminoso" OK?

1) Gostaria que vocês entrevistassem Ney Matogrosso, Maria Bethania, Agnaldo Timóteo, Denner e outros mais.

2) Que voces falassem sobre o problema dos homossexuais no futebol brasileiro, por que não? No nº 5, ao responder a uma carta, vocês disseram que jogador de futebol são uma dor de cabeça, isto despertou uma grande curiosidade, sabe? Peço isso não por simples curiosidade, mas sim para que se saiba que há homossexual em todas as profissões (não apenas costureira, cabeleireira, maquiadora). E também seria útil, pois há muitos gueis que gostariam de ser jogadores de futebol, mas encontram grandes barreiras. Por favor, vê se dá pra vocês publicarem alguma coisa, tá?

3) Um artigo sobre a personalidade de John Travolta. Tenho certeza que vai agradar a muita gente.

4) Mais histórias de amor, que são ótimas.
5) Falem sobre mulheres homossexuais.
6) Falem mais sobre os "michês" da vida.
7) Como conseguir LAMPIÃO nº 3?
L.C.A
Rio de Janeiro.

R — Vamos por parte: 1) Nós temos uma longa lista de futuros entrevistados da qual consta os rapazes que você citou; 2) Vamos explicar definitivamente porque jogador de futebol é uma dor de cabeça: é que há muitos jogadores de futebol gueis, evidentemente, como em qualquer outra profissão. O problema é que eles são particularmente frágeis, pois qualquer denúncia neste sentido significa o fim de uma carreira. Assim, desde que começamos a fazer o jornal, vivemos às voltas com esse problema. Essas pessoas precisam desesperadamente manter em segredo sua preferência sexual; isso é um direito que elas têm, e nós temos que respeitá-las. É por isso que não publicamos matérias sobre o futebol. A não ser que um atleta — ou um técnico, ou um juíz, ou um cartola, ou uma bola Adidas nº 5 — resolva, por conta própria, nos procurar e botar a boca no trombone; 3) Nossa deliciosa e travoltante colaboradora Zsu Zsu Vieira já escreveu um artigo sobre o Giovanni Travolta (vide LAMPIÃO nº 4). A Zsu Zsu é otima; quanto ao Travolta, é meio brilhantina, você não acha? 5) Vamos publicar um livro inteiro com esse título, aguarde: HISTÓRIAS DE AMOR. 6) As mulheres ainda estão nos cheirando; breve elas vão invadir o jornal. 7) Veja a reportagem policial deste número: os assassinos eram todos "michês" da vida. 8) Para recebr qualquer número atrasado de LAMPIÃO basta enviar o pedido com um vale postal — em nome da Esquina, Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41031 — Santa Teresa — RJ) no valor de Cr$ 20,00.

Flying down to Corumbá

Caros redatores de LAMPIÃO da Esquina. Escrevo esta para reclamar o não recebimento do seu jornal, do qual sou assinante. Não seria mais um golpe da censura contra o povo guei? Espero contar com a sua resposta, pois apesar de ter recebido o meu exemplar nº 4, não recebi mais nenhum. Espero que seja apenas confusão dos correios, e não mais um golpe contra este povo guei tão sofrido. Um jornal tão bacana como o de vocês não merece ser censurado. Desse amigo que os quer.
A.M.
Corumbá, MTS

R — Querido A.M., você escreveu sua carta no dia 28.9., nós mandamos os exemplares de assinantes no dia 26.9; como Corumbá fica um pouquinho longe, é possível que o jornal demore um pouco para chegar aí; de qualquer maneira, caso você não tenha recebido o nº 5, escreva novamente, e nós lhe enviamos. E aproveite para mandar algumas notícias sobre a vida do povo guei aí pelo oeste distante; nós publicaremos. Aqui nos contam histórias incríveis sobre peões, iauretês, flamingos, bolivianos e paraguaios. Será verdade?

CARTAS NA MESA

Notícias do subterrâneo

Prezado Aguinaldo: não o conheço pessoalmente, mas referências do Trevisan, meu amigo de longa data, dizem que você é um cara genial, honestíssimo. Sendo mais ou menos o meu caso, vou logo abrir o jogo: estou achando que o LAMPIÃO está usando o meu nome no jornal, motivo pelo qual pediria — sem dramas — para que meu nome fosse retirado do expediente, só voltando a ele no caso de nova colaboração minha (a única até agora foi no nº 3, parece, artigo sobre cinema idigrúdi.) Acho que isso me é muito conveniente no momento, antes que eu seja julgado de **omisso**, pois o expediente dá a impressão de que todos lá são soldados de um exército, mas nem todos atiram...(...). Evidentemente tenho e declaro outros motivos: muita gente tem vindo me encher o saco porque meu nome está lá e eu não faço nada.(...) E na verdade, no momento não estou mesmo a fim de escrever nada sobre homossexualismo, inclusive porque nessa meu lance tá bem longe: estou interessado em achar o gay onde o gay parece não estar e não nos lugares óbvios, abomino ideologia e, embora não faça questão de dar ou não bandeira, constato agora (depois que meu nome ficou alguns números em cartaz), que a experiência não me está sendo positiva: recebi telefonemas idiotas, concluo que tá muito baixo astral o nível gay brasileiro que lê jornais, então prefiro me afastar, não sei se você tá me entendendo.

Preferi ter função quando a coisa era realmente novidade, cheguei a publicar uma entrevista minha com Leyland em plena Folha de São Paulo, mas hoje eu não faria isso, porque diriam que estou engajado e na verdade não quero fazer proselitismo, quis apenas e sempre deflagrar. Uma vez deflagrado o movimento, eu caio sempre fora. E vocês do lampião estão trabalhando em cima disso, desse algo que foi deflagrado. Eu gostaria de voltar a escrever quando sentisse que é meu momento — nunca colaborador regular, pois a regularidade não faz meu gênero, se é que me faço entender.

Jairo Ferreira.

São Paulo , capital.

R — **Pra começo de conversa, Jairo, você se enganou de endereço; devia ter se dirigido ao jornal, e não a mim. No que me compete, sem essa de honestíssimo, meu caro; não gosto desses adjetivos, eles me cheiram a Doca Street, Michel Frank e outras flores do sistema, todos homens de bem, honestíssimos. Acho muito estranho que as pessoas te telefonem — você só aparece no expediente do jornal, uma coisa que ninguém lê —, e não façam a mesma coisa conosco, que somos, como você diz, "os que atiram neste exército". O que será que você tem que eu não tenho? Quanto ao baixo astral, meu caro autor da carta acima, por quem sois...Essa história de "achar o gay onde ele parece não estar", me lembra o banheiro do Cine Art Palácio, aí em São Paulo: é lá darling? Ah, e esse movimento que você considera "deflagrado", eu faço cocô diariamente para quem o deflagrou. Só mais uma coisinha: e fazer poselitismo do cinema udigrudi? Este vale, não é? O máximo que pode acontecer com quem o faz é ser chamado para dirigir "Dama do Lotação". Quá, quá, quá.a) Aguinaldo.**

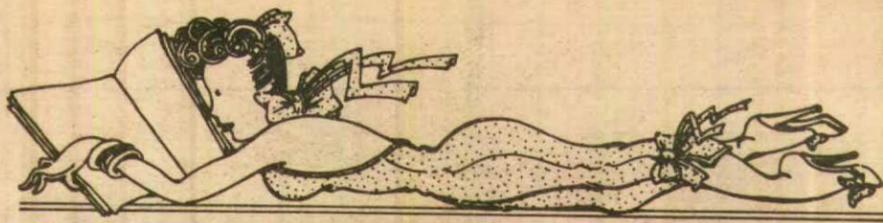
Danadinho de Aracaju

Caros amigos do LAMPIÃO. Sempre pensava em escrever-lhes, mas me faltava coragem. Acontece que após ler o último número do jornal, só posso me sentar e escrever algumas bobagens. Olhem, estou adorando o nosso jornal. Está aí um exemplo raro de publicação aberta, que põe em prática (e não apenas faz propaganda) as tão faladas liberdades e que não usa tom panfletário, falso, formal, informal, pseudo-racionalista da "imprensa nanica". Vocês falam como a gente, informal e intimamente. Eu não sabia que havia por aí tanta bicha metida a progressista e libertária! A lucidez de vocês me impressiona, vocês conseguem escrever vendo o mundo como ele é. Eu, pra dizer a verdade, não conheço bicha nenhuma e vivo num isolamento terrível. Meus amigos são "hetero" e discutir problemas com eles é um saco, porque têm toda aquela prevenção da velha escola. Só mesmo o LAMPIÃO me tira um pouco do isolamento absoluto em que vivo enclausurado neste mundo "hetero". O que eu gostaria mesmo de dizer-lhes é o que se diz aos amigos que a gente quer ter perto: ei, escrevam, mandem notícias, apareçam. Um beijão.
J.S.
(Aracaju)

R. **Ufa! Quase ficamos afogados com tantos elogios. Será que merecemos? Olha, J. S., a gente não acredita muito não que você viva aí no mais completo isolamento. Pelo seu estilo ficou patente que você é um danadinho e que deve virar Aracaju de pernas para o ar. Por falar em pernas para o ar... bem, deixa pra lá. Agora, só queremos saber como é que você conseguiu aí o LAMPIÃO. Vai, manda dizer se ele está sendo vendido nas bancas ou passando de mão em mão. Esse é um assunto que nos interessa muito, pois queríamos conseguir um bom distribuidor na sua cidade.**

Fortíssimo babado

Meus irmãos, acabo de ler o Nº 5 dessa maravilhosa publicação que, embora impressa em preto e branco, para nós, gays, é ilustrada em cores maravilhosas e cintilantes, como a vida parece ser. Pelas belezas e verdades que o LAMPIÃO nos mostra, mesmo aqueles que estão privados de visão poderão sentir tudo o que digo. Vibro de satisfação quando vou à banca de jornal para comprar as minhas verdades; para mim é como se fosse um novo dia **mesmo** que está nascendo. Sinto-me realmente feliz de poder ler algo que se refira à minha condição de vida neste planeta terra tão cagado pelo arcaico e medieval preconceito que o homem espalhou no mundo. Não me faltam forças para lutar por um ideal de vida comum e consciente de que estamos no caminho certo, pois é uma merda ter de passar o resto da podre vida com esse peso nas costas de não poder se assumir, com medo da sociedade que, com suas idéias, consegue nos atrofiar. Meus casos são como a lua cheia, que só aparece quando se cansa de estar vazia. Não me realizei ainda por temor de ter de assumir minha homossexualidade quando todos pensam que sou heterossexual. Se vocês soubessem o sacrifício que é para mim me fazer notar como gay, tenho certeza que chorariam de tristeza de saber que têm um amigo que vive frustrado. Meus pensamentos são sempre os mesmos: O que será que os outros vão dizer? No meu trabalho não, no curso de jeito algum poderei ser notado.

(R.C.) *Rio de Janeiro*

As aventuras de Carmem Miranda

Gilmar de Carvalho

"Cada gota de meu sangue será uma chama imortal à vossa consciência que manterá a vibração sagrada para a resistência".

MONÓLOGO

Na verdade eu não sou Carmem Miranda e estou convencido disso. Não passo de um servidor federal lotado na farmácia do INPS e regido pelo Estatuto dos Funcionários Públicos. Carmem Miranda já era e eu nem ligo pra reencarnação, encosto e essas coisas de terreiro. Chic mesmo é esse turbante escandaloso e esses quilos de balangandãs autênticos. Ah! os eternos problemas de uma maquilagem e essa barba podre cansa a minha beleza. Preciso fazer uma sobrancelhas super-finas e assim bem satânicas. E não esquecer de treinar bem esses braços. Que tamancolas ridículas, ainda acabo saindo de sapato fanabor, morto de folclórico e bem baratal

ELA, A PEQUENA NOTÁVEL
REVISTA DO RÁDIO, junho de 1945, página 4

Ao final de sua apresentação no auditório da Rádio Nacional, Carmem Miranda recebeu calorosa homenagem de seu fã clube. A Pequena Notável foi agraciada com diversas faixas:

a namorada do Brasil
a rainha do samba
a mais querida,
dentre outras.

"Ao ódio respondo com o meu perdão. E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo, e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo, não será mais escravo de ninguém."

CONFRONTO

Carmem Miranda I — Você não é Carmem Miranda, nem chega a ser uma imitação.
Carmem Miranda II — mas eu tenho muito mais charme que você

Carmem Miranda I — você é apenas uma dublagem e um destaque de escola de samba
No camarim, CM I retocava a maquilagem e dizia frases estranhas em inglês.
Palavras de ordem do fã clube:
é a maior, é a maior, é a maior — e assim por diante.

FLASH BACK

Carmem Miranda percorria os corredores do Catete envolta numa toalha de banho e desmunhecando bastante. Enquanto. No salão de despachos Getúlio posava com a faixa presidencial. Discurso sobre as conquistas operárias, discussão sobre o quantum do mínimo legal.

GV — Carmem, hoje você canta para os gráficos e os metalúrgicos.
CM — E também para os têxteis, estivadores e os comerciários.

As categorias profissionais todas.

GV — Meu bem, como você está bem.

Depois de Carmem Miranda no Museu da Imagem e do Som; Fiz o que pude para representar bem o Brasil e melhorar nossa imagem no exterior. É pena que meu museu não tenha sido organizado.
Titibum tititibum, titibum, tititibum.
SAMBA ENREDO do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Kennedy para o carnaval de 1975

Tendo nascido em Portugal/Brasileira de coração/Aquela
sambista sem igual/Elevou bem alto o nome da nação.

Carmem Miranda uma glória nacional bis
Carmem Miranda sambista sem rival
Fez do nosso samba uma bandeira/Embaixatriz da arte tropical/
Subiu desde logo na carreira/Foi estrela universal.

O que é que a Carmem tem?/O que é que a Carmem tem?

Tem o feitiço brasileiro/Tem a cadência no gingado/Tem o
requebro bem ligeiro/Um gosto de bom bocado.

Carmem Miranda uma glória nacional bis
Carmem Miranda sem rival
Afilhada do Senhor do Bonfim/Namoradinha do nosso Brasil/
Traz uma figa de guiné e um quindim
Idolatrada e adorada entre
outras mil

FIAT LUX

Uma bacia com água e sabão em pó. Carmem Miranda faz um turbante com uma toalha de banho.

I Love Lux I need to have a fresh skin. Lux is the symbol of beauty. Every morning and every night I wash myself with Lux. You also have to buy the best toilet soap. Lux is prefered by nine among each ten Hollywood stars. Lux a beleza em forma de carinho. Suave, envolvente, acariciante.

FASCÍCULO

Sua vida publicada em fascículos semanais. A dose homeopática da fama. Luta contra o esquecimento. Eoppéia registrada em discos de cera. E recortes de jornais. De uma novela de época. Tailleur trespassado. Carmem Miranda usa baton Naná e trunfa. Brazilian star.
Notas e comentários críticos:

JURADO NÚMERO UM

Carmem Miranda, grande figura da nossa música popular. Expoente máximo de uma fase áurea em que o samba começou a ser exportado. Afirmação do Brasil no concerto das nações com a força de sua cultura mestiça. Nota dez para Carmem Miranda.

JURADO NÚMERO SETE

Começou com Carmem o prestigio de nossa música popular no estrangeiro, prestígio reafirmado por Sérgio Mendes e Tom Jobim. É o samba ultrapassando nossas fronteiras, manifestação autêntica, pura, as raízes etc.

EM 78 ROTAÇÕES POR MINUTO

"Meu sacrifício ficará para sempre, e sua alma e seu sangue serão o preço do meu resgate. Dei-vos a minha vida; agora ofereço minha morte. Nada receio, serenamente, dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História".

The Voice of America fala em esperanto para as regiões. Apenas as línguas neolatinas derivam de um mesmo tronco (e árvore genealógica) e ancestral comum. Quando da descida do Espírito (em línguas de fogo) os apóstolos falaram em muitos idiomas. E cada pessoa recebia a mensagem em sua própria língua.

Nota do autor: comparar com Babel é antiético, e por conseguinte dialético. No hit parade da Voz da América as músicas de Carmem Miranda nas transmissões em português para o BRAZIL.

Carmem Miranda é a musa do PTB.